

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

TATIANA AMARAL DE MATOS LESSA

A FORMAÇÃO DO EU ADOLESCENTE SOB UM OLHAR PSICANALÍTICO:
DA METAMORFOSE DO CASULO À LIBERTAÇÃO

São Leopoldo

2012

TATIANA AMARAL DE MATOS LESSA

A FORMAÇÃO DO EU ADOLESCENTE SOB UM OLHAR PSICANALÍTICO:
DA METAMORFOSE DO CASULO À LIBERTAÇÃO

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e
Juventude

Orientadora: Karin Hellen Kepler Wondracek

Segunda Avaliadora: Gisela Isolde Waechter Streck

São Leopoldo

2012

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L638f Lessa, Tatiana Amaral de Matos

A formação do eu adolescente sob um olhar psicanalítico: da metamorfose do casulo à libertação / Tatiana Amaral de Matos Lessa ; orientadora Karin Hellen Kepler Wondracek. – São Leopoldo : EST/PPG, 2012.

61 p.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2012.

1. Psicologia do adolescente. 2. Psicologia do desenvolvimento. 3. Identidade (Psicologia). 4. Família – Aspectos psicológicos. I. Wondracek, Karin Hellen Kepler. II. Título.

TATIANA AMARAL DE MATOS LESSA

A FORMAÇÃO DO EU ADOLESCENTE SOB UM OLHAR PSICANALÍTICO:
DA METAMORFOSE DO CASULO À LIBERTAÇÃO

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e
Juventude

Data:

Karin Hellen Kepler Wondracek - Doutora em Teologia - Escola Superior de Teologia

Gisela Isolde Waechter Streck - Doutora em Teologia - Escola Superior de Teologia

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a DEUS, quem tem me concedido mais do que pedi...

DEUS, quem me deu a VIDA, a qual AMO VIVER...

DEUS, quem me deu paz, amor, saúde, alegrias e dificuldades para que eu seja cada dia melhor!

Também à minha FAMÍLIA:

Minha Mãe, Nilta Amaral de Matos, instrumento divino para trazer-me ao mundo, a qual me guardou em seu ventre, e que lutou para ser minha mãe... incentivadora de meus projetos!

Aos quatro homens da Minha Vida:

1. Meu pai: Idalberto Gomes de Matos, homem de força, meu primeiro amor; exemplo de coragem, lealdade, disciplina, honestidade, carinho e proteção;

2. Meu marido: Ivan Rodrigues Lessa, minha “cara metade”... o amor dessa vida e de outras vidas. Te amo!

3. Meus dois queridos filhos: Inácio e Ivanzinho, complementos do meu ser... minhas extensões... “meus Pequenos Príncipes”, meus futuros adolescentes;

Em Especial: Ao mestre com carinho: Prof. Dr. Manoel Soares Sarmiento Filho (*in memoriam*), por sua eterna amizade, carinho, compreensão, incentivo, cobranças, sorrisos, gargalhadas, horas de estudo e dedicação. Tenho certeza que você está feliz pela minha vitória... sei que você “voou” longe e pousou em outras paisagens! Saiba que aqui há muito de seus ensinamentos. Você sempre será meu mestre! Obrigada pela nossa história, que sei não termina aqui!

Carinhosamente, à minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Karin Hellen Kepler Wondracek, pela atenção, paciência, troca de conhecimento, compreensão, pela sua voz doce e serena, convivência e por “abraçar minha causa!”; obrigada por tudo!

Aos adolescentes, inspiração deste trabalho.

“Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé”.

(2Tm 4.7)

RESUMO

Este trabalho final de conclusão do Mestrado Profissional aborda a formação do eu adolescente com o intuito de compreender o processo biológico, psicológico e social que o permeia tomando como referência a teoria da personalidade de Freud, complementada por seus sucessores. Traça-se um fio que tange adolescência, formação do eu e família. Cada capítulo proposto se configura em um “flash”, em uma imagem a partir de dois ângulos complementares: o primeiro abordará o desenvolvimento primitivo de acordo com a teoria psicanalítica; o segundo pesquisa o contexto da dinâmica familiar na formação desse eu. Finalmente, o resultado é chegar à compreensão da estreita relação entre o desenvolvimento primitivo do eu adolescente e o vínculo com a família na qual nasce e se desenvolve, destacando a formação do ego. O adolescente é influenciado pela família e cultura em que está inserido; estas contribuem para alguns comportamentos típicos dessa fase, por vezes incompreendidos, como questionamentos, agressividade, isolamento, rituais e alguns lutos. Por esse descompasso, os desejos, anseios, experiências e vivências do adolescente e suas reais necessidades, juntamente com as especificidades características dessa fase são desconsiderados pela família, intensificando os conflitos e as tensões já existentes. O objetivo dessa investigação residiu em sistematizar e divulgar este modo de compreender a adolescência para contribuir a uma mudança de atitude por parte dos pais e professores, promovendo maior aceitação e menor rotulação do seu processo de maturação

Palavras-chave: Adolescente. Ego. Psicanálise. Família.

ABSTRACT

This final conclusion paper for the Professional Master's Program addresses the formation of the teenage self in order to comprehend the biological, psychological and social processes which permeate the teenager, having as a reference Freud's theory of personality, complemented by his successors. A thread is traced connecting adolescence, formation of self and family. Each proposed chapter is configured in a "flash", an image from two complementary angles: the first covers the early development according to psychoanalytic theory and the second surveys the context of family dynamics in the formation of that self. The adolescent is influenced by the family and culture in which it is inserted; they contribute to some behaviors typical of this phase, sometimes misunderstood, such as questionings, aggressiveness, isolation, rituals and some mourning. Due to this gap, the wishes, desires, experiences and living experiences of adolescents and their real needs, along with the specific characteristics of this phase are disregarded by the family, intensifying the conflicts and tensions that already exist. The aim of this investigation resides in systematizing and disseminating this way of understanding adolescence to contribute to a change of attitude on the part of parents and teachers, promoting greater acceptance and diminishing labeling of their maturation process.

Keywords: Adolescents. Ego. Psychoanalysis. Family.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 A FORMAÇÃO DO EU DO ADOLESCENTE: ASPECTOS INTRAPSÍQUICOS ...	13
1.1 Puberdade e adolescência: caracterizações	14
1.2 A psicanálise e o desenvolvimento da personalidade: importância do desenvolvimento primitivo	18
1.3 O adolescente e sua construção mediante o Complexo de Édipo: a angústia da castração.....	20
1.4 Adolescência e revivência edípica.....	22
1.5 A psicanálise e a estrutura da personalidade: id, ego e superego	24
1.6 Latência, adolescência e sexualidade: de Freud a Erik Erikson.....	31
2 A DINÂMICA DA FAMÍLIA E A FORMAÇÃO DO EU: ASPECTOS INTRAFAMILIARES.....	34
2.1 A adolescência é um segundo parto	36
2.2 Função materna	42
2.3 Função paterna	50
CONCLUSÃO	56
REFERÊNCIAS	59

INTRODUÇÃO

O objetivo deste Trabalho Final, destinado à conclusão do Mestrado Profissional, parte integrante do Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST, na linha de pesquisa Educação Comunitária com Infância e Juventude, é elaborar um mapeamento da formação do eu adolescente, sob uma ótica da psicanálise. Assim, para esclarecer esse objetivo em termos de uma metáfora da biologia, trouxe o subtítulo que o explicita: *Da metamorfose do casulo à libertação*. Ou seja, a) a adolescência é um período de transformação; b) essa transformação é uma metamorfose; c) a libertação do casulo seria o florescer, o reeditar da infância que ocorre na adolescência; d) após esse processo de maturação nasce uma borboleta, pronta para alçar voo.

Assim, o aprendizado a respeito desse processo pertence ao campo epistemológico, é Ciência, é Estética, é Literatura. Configura-se a proposta de “inter-relação”, “dialogismo”. Cada capítulo traçado constitui um “flash”, uma “imagem”, aplicável ao contexto do adolescente com a psicanálise, enquanto “uma representação de”, “um dar-se a conhecer”, “um desvelar” de humanos na sua interação com seu contexto subjetivo e na sua interação com o intersubjetivo, a paisagem, o ambiente, ou seja, com a família e a sociedade.

O objetivo desse estudo é compreender a adolescência, que é considerada uma fase complexa por pais e professores, e pouco compreendida. Devido a essa problematização, a finalidade desta pesquisa teórica é reunir os construtos psicanalíticos, como base teórica para explicar esse processo transicional, que permeia a vida dos adolescentes e conseqüentemente daqueles que convivem com eles.

Essa pesquisa é de cunho bibliográfico, e para tanto utilizou como caminho metodológico uma revisitação, uma inserção teórica aos princípios psicanalíticos clássicos - Freud, e sua reintegração com alguns com alguns psicanalistas pós-freudianos, além de autores com influências dessas escolas psicanalíticas, como J. D. Nasio e Erik Erikson, dentre outros.

Além desses autores clássicos, também serão inseridas as ideias do psiquiatra brasileiro Içami Tiba, pois se trata de um autor que possui vasto conhecimento teórico e prático do contexto brasileiro.

Para discutir a formação do ego do adolescente à luz da psicanálise, necessitou-se de uma leitura contextualizada e ampla, pois assim como a sociedade, as pessoas evoluíram e, por consequência, a própria psicanálise, uma vez que após a abordagem freudiana, esta se complementou ao longo da história.

As informações adquiridas para a construção desse trabalho, mediante conceitos psicanalíticos, que aqui fundamentam a realidade do adolescente de forma dinâmica, foi realizada com uma pesquisa em livros pertinentes à teoria psicanalítica.

Como dito anteriormente, o caminho da ciência nesta pesquisa é utilizar a psicanálise como fundamento para o comportamento do adolescente, sua estrutura e seu funcionamento interno. Para tanto, no primeiro capítulo serão discutidos os aspectos iniciais teóricos psicanalíticos que servirão de base para a compreensão da formação do adolescente: a importância no desenvolvimento primitivo; o adolescente e sua construção mediante o complexo de Édipo e a estrutura da personalidade: id, ego e superego. Justificar essa pesquisa, estabelecer uma consonância, entre adolescência e psicanálise e falar de adolescente e na formação do seu ego sob a ótica da psicanálise é falar de uma transformação fascinante que ocorre com o ser humano, em uma fase transicional da infância para a idade adulta. Diferente da puberdade, que consiste em uma mudança apenas biológica, a adolescência, implica uma mudança globalizada. Teorizar a respeito da dinâmica transicional do adolescente, que não é estanque, mas uma mudança biopsicossocial, é diferenciá-la da puberdade, que implica uma mudança apenas de cunho biológico.

Assim, a hipótese deste trabalho é, portanto, a de que a psicanálise, enquanto epistemologia e ciência aplicada, realize um mapeamento conceitual ou epistemológico da construção do ego do adolescente. Como expressa Winnicott:

A psicanálise, portanto, é um termo que se refere especificamente a um método, e a um corpo teórico que diz respeito ao desenvolvimento emocional do indivíduo humano. É uma ciência aplicada que se baseia em uma ciência. Vocês podem observar que eu insisto na palavra ciência. No meu entender, Freud realmente iniciou uma nova ciência, uma extensão da

fisiologia; uma ciência que se preocupa com a personalidade, o caráter, a emoção e o esforço. Essa é minha tese.¹

Por fim, o segundo será dedicado à dinâmica da família com adolescentes: adolescência como um segundo parto; as funções paternas e maternas e a família contemporânea, diante das transformações sociais, e sua influência na vida dos adolescentes.

Aqui, faz-se necessário um esclarecimento de termos no que se refere à definição de autoridade e família, no que permeiam a atualidade, na construção do ego do adolescente. Primeiro, a família aqui mencionada não se refere ao agrupamento clássico: pai, mãe e filho, porque se sabe das diversas mudanças da família contemporânea. Entre elas, a globalização, a ausência da mulher no lar e sua presença constante no trabalho, o despreparo para conceber filhos, a gravidez indesejada, a precarização da função paterna. Investigar a família contemporânea; portanto, é preparar-se para encontrar diversas realidades.

Definir um papel de autoridade, diante de tal situação, é delicado, uma vez que a criança e o jovem se defrontam com diversas configurações familiares atualmente.

Inicialmente, é necessário dizer que não existe um “modelo” de família, mas sim uma diversidade de modelos familiares, com muitos traços em comum entre si, mas com uma infinidade de singularidades. É possível pensar que cada família tem uma identidade própria e, como tal, fantasias, situações traumáticas, perdas, mitos familiares, segredos e uma história. Trata-se, na verdade, de um agrupamento humano em constante evolução, constituído com um intuito básico de prover a subsistência de seus integrantes e protegê-los.²

Segundo Outeiral, deve-se levar em consideração que a sociedade sofre intensas e profundas transformações nos níveis: econômico, cultural, de valores, etc. Com isso, a família, acompanha essas transformações. O grupo familiar denominada de patriarcal, atualmente cede, lugar ao grupo familiar nuclear.³

Esta realidade influencia o ego do adolescente, que está vulnerável a essa diversidade social, cultural e familiar.

¹ WINNICOTT, D. W. *Tudo começa em casa*. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. p. 13.

² OUTEIRAL, José; CERESER, Cleon. *O mal-estar na escola*. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2005. p. 11.

³ OUTEIRAL, José. *Adolescer*. 2 ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2008. p. 13.

Para entender um adolescente, é necessário compreender a criança que um dia ele foi, nesse sentido, estará sempre influenciado pelas construções estabelecidas na infância.

A finalidade deste trabalho acadêmico, com os capítulos organicamente interligados, é tecer uma reflexão, uma explicação epistemológica da realidade do adolescente. Destina-se à comunidade acadêmica, pais, psicanalistas e professores, com o objetivo de ajudá-los a compreender os processos que permeiam o adolescente na formação do seu ego sob uma ótica psicanalítica.

Esse tema possui relevância para o momento atual no qual, diante de tantas transformações sociais que se evidenciam, a família, professores e comunidade, muitas vezes, não possuem subsídios que esclareçam essa formação do eu adolescente.

Afinal, não seria o momento de possuir um conhecimento aprofundado acerca dos adolescentes e deixar de chamá-los jocosamente de aborrescentes, como se diz na linguagem popular?!

1 A FORMAÇÃO DO EU DO ADOLESCENTE: ASPECTOS INTRAPSÍQUICOS

*“Quando eu te encarei frente a frente não vi o meu rosto
chamei de mau gosto o que vi
de mau gosto, mau gosto
é que Narciso acha feio o que não é espelho
e a mente apavora o que ainda não é mesmo velho
nada do que não era antes quando não somos mutantes”.*

(Caetano Veloso)

A família consiste em um conjunto de pessoas que convivem em um mesmo ambiente, onde compartilham as mesmas coisas, é onde o ser humano nasce, mesmo que seja o bebê e sua mãe. Todos possuem uma família, por mais reduzida que seja. O indivíduo quando nasce, mesmo em um estado fisiológico de desamparo, carecendo de cuidados, já é um membro desde o ventre materno, período em que naturalmente a genitora terá com o feto uma relação de simbiose, de independência mútua em um sentido fisiológico e emocional, onde se criam os afetos, tanto positivos, quanto negativos.

O bebê humano nasce em “estado de desamparo” físico e psíquico, necessitando sempre de um grupo familiar que o acolha; todos os outros mamíferos, em questão de horas, dias ou no máximo semanas, são capazes de se locomover e de providenciar, por exemplo, sua própria alimentação. Nós, ao contrário, nascemos muitos mais imaturos e dependentes, no estado que Freud chamou de “desamparo”.⁴

Aos poucos, esse indivíduo aprende a moldar-se às regras sociais, em um processo natural e social de ajustamento.

Segundo Winnicott, o bebê, ao nascer, entra em um contexto previamente estruturado com valores e normas, que com o tempo vão moldá-lo. Com isso,

um indivíduo aprende a sentir, a pensar e falar num contexto que condiciona um desenvolvimento que, por outro lado, poderia ser aberto a todo gênero de influências. Trata-se de uma adaptação ao grupo humano com o qual o indivíduo deve viver.⁵

A questão intersubjetiva será aprofundada mais adiante, mas por agora cabe destacar que a criança nasce em um contexto já dado.

⁴ OUTEIRAL, 2008, p. 14.

⁵ ROSA, Victor Pereira; LAPOINTE, Jean. *Psicologia e comportamento transcultural: uma abordagem antropológica*. São Paulo. 2004. p. 25.

Assim sendo, pode-se afirmar que não existe um grupo significativo mais importante na vida do ser humano do que a família, que corresponde à educação assistemática, onde inclui a cultura e valores. Na formação dos padrões típicos de comportamento, a família é mais importante do que a igreja, o círculo profissional pertencente, a comunidade em que se convive, a pátria da cidadania ou qualquer outra instituição social. Assim, é no contexto da família que se aprendem as formas básicas das relações com o próximo e com o universo social, incluindo a dimensão espiritual da vida. É no seio familiar que se aprende e formam-se as atitudes básicas para a vida e onde há os ensinamentos dos sistemas fundamentais de valores. É evidente que tais sistemas de valores podem ser modificados mais tarde por influência da educação sistemática, âmbito escolar ou de outras experiências sociais e pela própria reflexão pessoal, mas não resta dúvida de que seus alicerces foram lançados nos anos formativos da vida, quando o agente de socialização do indivíduo era basicamente a família. Assim, nesse contexto que se aprende a construir uma relação com Deus, podendo a amá-lo ou odiá-lo, ao próximo e a si mesmo, na construção da sua autoestima, aprende-se a ser posicionar-se diante de diversos contextos, sendo irreverente, mal-comportado ou blasfemo, aprende-se as atitudes básicas de respeito ou desrespeito à vida.

1.1 Puberdade e adolescência: caracterizações

O período da adolescência constitui uma fase de transição entre a infância e a fase adulta. Por isso, o indivíduo passa por diversas transformações, seja de cunho biológico, social e conseqüentemente psicológico; justamente por isso diferencia-se das outras idades. Por esse motivo, pode ser considerada um processo biopsicossocial, sendo considerada “um Tsunami Hormonal, um terremoto corporal e uma confusão mental”.⁶

A puberdade e a adolescência são termos diferentes, porém relacionados; ambos complementam-se. A puberdade consiste em um fator biológico que antecede a adolescência, caracterizado apenas pela influência hormonal.

Puberdade, do latim *puber*: pêlos, é um processo biológico que inicia, em nosso meio, entre 9 e 14 anos, aproximadamente, e se caracteriza pelo surgimento

⁶ TIBA, Içami. *Adolescentes: quem ama educa!* 39. ed. São Paulo. 2010. p. 37.

de uma atividade hormonal que desencadeia os chamados “caracteres sexuais secundários”.⁷ A palavra puberdade é usada aqui para indicar as manifestações físicas da maturação sexual.⁸ A puberdade marca o fim da infância e o começo da adolescência, assim como o parto marca o fim da gestação e o começo da infância.⁹

Já a adolescência pode ser definida como a junção de fatores biológicos, psicológicos e sociais que gera angústia no indivíduo, que passa por um processo de transicional.

A palavra “adolescência” tem dupla origem etimológica e caracteriza muito bem as peculiaridades desta etapa da vida. Ela vem do latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer), significando a condição ou processo de crescimento, em resumo o indivíduo apto a crescer. Temos assim, nesta dupla origem etimológica, um elemento para pensar esta etapa da vida: aptidão para crescer (não apenas no sentido físico, mas também psíquico) e para adoecer (em termos de sofrimento emocional, com as transformações biológicas e mentais que operam nesta faixa da vida). Alguns autores, como Luiz Carlos Osório, referem-se uma terceira origem etimológica: *dolo*, causar dano ou prejuízo a alguém, teria a mesma origem da adolescência.¹⁰

É uma fase cheia de questionamentos e instabilidade, que se caracteriza por uma intensa busca de “si mesmo” e da própria identidade, os padrões estabelecidos são questionados, bem como criticadas todas as escolhas de vida feita pelos pais, buscando assim a liberdade e auto-afirmação.

A transição da segunda infância para a idade adulta é acompanhada pelo desenvolvimento de uma nova forma de pensar de forma sistemática e com hipóteses.

Diante de tal realidade fisiológica, onde os hormônios estão em evidência, há uma descoberta da sexualidade, uma mudança interna, com consequências externas, ocasionando mudanças comportamentais, como uma natural busca por liberdade e independência. Assim, na puberdade, tem-se um amadurecimento biológico, enquanto a adolescência é mais amplo, englobando fatores considerados biopsicossocial, biológicos, psicológicos e sociais.

Logo iniciando a puberdade, começa o amadurecimento sexual biopsicossocial, quando o adolescente gradativamente modifica, o seu modo de ser,

⁷ OUTEIRAL, 2008, p. 3.

⁸ BLOS, Peter. *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 6.

⁹ TIBA, 2010, p. 28.

¹⁰ OUTEIRAL, 2008, p. 4.

em uma dinâmica interna e conseqüentemente externa, objetivando autonomia e independência. Com essa realidade, precisa e adora isolar-se em casa e estar entre seus pares, ou presencial ou virtualmente.¹¹

Segundo o autor, o período da adolescência é observada como uma junção aos ajustes ao estágio da puberdade, a novas séries de demandas endógenas e exógenas vivenciadas pelo ser humano.¹²

As modificações da imagem do corpo decorrentes da puberdade fisiológica são sempre vivenciadas com impacto, quando não como uma catástrofe. A aquisição dos atributos corporais do genitor do mesmo sexo, desejada e temida, provoca reações tanto no filho quanto nos pais.¹³

Assim, Outeiral estabelece uma estimativa na idade da adolescência. Essa oscilação de idades ocorre uma vez que essa fase além de ser subordinada aos aspectos físicos, familiares, possui uma estreita ligação com os aspectos sociais. Para o autor, a adolescência constitui-se de três fases, onde o início e fim não são muito concisos, com misturas de algumas características, ocorrendo “flutuações” progressivas e regressivas, com que sucedem, se alternam ou executando um processo de “vaivém”.¹⁴

Segundo este autor, quanto às etapas da adolescência:

1. “A adolescência inicial (de 10 anos a 14 anos) é caracterizada pelas transformações corporais e alterações psíquicas derivadas destes acontecimentos;
2. A adolescência média (de 14 anos a 17 anos) tem como seu elemento central as questões relacionadas à sexualidade, em especial, a passagem da bissexualidade infantil para a heterossexualidade;
3. A adolescência final (de 17 anos a 20 anos) tem vários elementos importantes, dentre os quais o estabelecimento de novos vínculos com os pais, a escolha profissional e a aceitação do novo corpo e dos processos psíquicos do mundo adulto”.¹⁵

Diante de tal afirmação o autor salienta que a divisão de idades, não é precisa, pois atualmente encontram-se adolescentes antes dos 10 e após 20 anos.

¹¹ TIBA, 2010, p. 37

¹² BLOS, 1998, p. 18

¹³ RAPPAPORT, Clara Regina (Org.). *Adolescência: abordagem psicanalítica*. São Paulo: EPU, 1993. p. 12.

¹⁴ OUTEIRAL, 2008, p. 4-5.

¹⁵ OUTEIRAL, 2008, p. 6-7.

Dessa forma, vai ocorrendo a construção do sujeito adolescente: família, sociedade, para um possível equilíbrio egoico, para uma conseqüente construção da homeostase psíquica, em um processo de reestruturação diante de tantas transformações. É o retorno de todas as fases psicosexuais em uma outra realidade.

O ego¹⁶, como descreve Anna Freud, tem de lidar com novas condições, tanto no superego e no Id (novas demandas instintivas), como na realidade externa. Essa “turbulência” interna, os movimentos psíquicos que se incrementam, as reedições de elementos primitivos que eclodem determinam a busca através da projeção no mundo externo ou real, dessas tensões, no intuito de tentar restabelecer a homeostase psíquica.¹⁷

Diante de tal realidade, o jovem é mais vulnerável às energias biológicas adormecidas, aos instintos às pulsões¹⁸ (Trieb) inerentes ao ser humano: pulsão vida (Eros),¹⁹ pulsão de morte (Tanatos),²⁰ que são reeditadas na adolescência.

Na adolescência, essas pulsões, mais ou menos despertadas entre 6 e 12 anos, são reativadas. Elas invadem os pensamentos e os comportamentos. A prática da masturbação é retomada. Ela pode estar carregada de culpa, sobretudo se ela é o objeto de interdições mal colocadas na primeira infância.²¹

Porém, para compreender o adolescente no seu processo, é necessário que se entenda a criança presente em cada jovem, de maneira ímpar e individualizada, uma vez que se encontra mais vulnerável nos aspectos biológicos, psicológicos e sociais.

¹⁶ Ego: “Segundo S. Freud, sede da consciência e também lugar de manifestações inconscientes; o eu elaborado por Freud em sua segunda tópica (eu, isso e superego), é uma diferenciação do isso; a instância do registro imaginário por excelência, portanto, das identificações e do narcisismo”. CHEMAMA, Roland. *Dicionário de psicanálise*: Larousse/Artes Médicas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. p. 64.

¹⁷ OUTEIRAL, 2008, p. 159.

¹⁸ “Pulsão: Na teoria analítica, energia fundamental do sujeito, força necessária ao seu funcionamento, exercida em sua maior profundidade”. CHEMAMA, 1995, p. 177.

¹⁹ Eros: “Termo pelo qual os gregos designavam o amor e o deus Amor. Freud utiliza-o na sua última teoria das pulsões para designar o conjunto das pulsões de vida em oposição às pulsões de morte”. CHEMAMA, 1995, p. 150.

²⁰ Tanatos: “Termo grego (a Morte) às vezes utilizado para designar as pulsões de morte, por simetria ao termo ‘Eros’; o seu emprego sublinha o caráter radical do dualismo pulsional conferido-lhe um significado quase mítico”. LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J.B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 501.

²¹ CLERGET, Stéphane. *Adolescência: a crise necessária*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004. p. 70.

1.2 A psicanálise e o desenvolvimento da personalidade: importância do desenvolvimento primitivo

Os teóricos da adolescência há muito têm concordado que a transição da segunda infância para a idade adulta é acompanhada pelo desenvolvimento de uma nova qualidade na forma de pensar caracterizada pela sistematização e hipóteses. Diante de tal realidade, é natural que nesse período ocorra uma releitura das pulsões ocorridas na infância, pulsões essas que são da constituição humana.

A saída da infância marca o fim de um equilíbrio afetivo. Novas pulsões e novos desejos invadem o psiquismo. Na verdade, essas pulsões não surgem de lugar algum. Elas são na maior parte inatas e se exprimem desde o nascimento, talvez mesmo antes. Mas, na puberdade, elas são reativadas e ocupam lugar, desta feita, em um corpo maduro genitalizado. Desejos inconscientes, até então impossíveis de realizar e aos quais se tinha renunciado, tornam-se potencialmente sociáveis.²²

Assim, a fase da adolescência ocorre uma reedição das pulsões, então reprimidas na infância, é o eclodir dos desejos, onde o superego,²³ em alguns casos não está em trabalho constante, é uma adaptação no novo corpo, com a mente ainda confusa, entre infância e fase adulta, nesse contexto o id está em evidência.²⁴

O indivíduo já possui sexualidade, pois ao chupar o dedo, por exemplo, o bebê se prepara para a fase oral, onde há o prazer da sucção e na adolescência esse processo é reeditado. A psicanálise falou sempre de dois períodos importantes no desenvolvimento da sexualidade, ou seja, a primeira infância e puberdade. Ambas essas fases surgem sob a tutela das funções fisiológicas, como lactância genital da puberdade.²⁵

A fase oral é a primeira fase da evolução libidinal do ser humano, onde o prazer sexual está ligado à excitação da cavidade bucal e dos lábios que acompanham a alimentação. A atividade nutricional fornece as significações eletivas pelas quais se exprime e se organiza a relação de objeto. Na adolescência, essa fase oral é canalizada, sublimada, diante da sua realidade vivida no momento, como: comer, colocar objetos na boca e morder, disputa, tudo devido à ansiedade natural do período.

²² CLERGET, 2004, p. 61.

²³ Superego ou superego é a "Instância de nossa personalidade psíquica, cujo papel é julgar o eu". CHEMAMA, 1995, p. 210.

²⁴ Isso ou id é a "Instância psíquica na teoria do aparelho psíquico enunciada por S. Freud, que é a mais antiga, a mais importante e a mais inacessível das três". CHEMAMA, 1995, p. 113.

²⁵ BLOS, 1998, p. 7.

A ansiedade é comum na adolescência, e precisamos saber disso para não confundirmos ainda mais adolescentes e pais. Vejamos dois exemplos: os canibais não comem (e a palavra “comer” tem um duplo sentido: de incorporar um alimento e de relações genitais) os inimigos da fome, mas sim para incorporar as qualidades do inimigo morto. Ao comê-lo integram (identificação) em sua personalidade as qualidades do outro. Buscam “comer” os inimigos que têm qualidades invejáveis: coragem, destemor, inteligência, virilidade, força física, beleza etc. É uma forma de se identificar com o outro e é um aspecto comum nas fantasias da criança e do adolescente. Como em nossa cultura muito do poder está colocado no fallus, as fantasias de colocar para dentro, de comer (em duplo sentido), de se apoderar do pênis de alguém que é invejado produzem ansiedade.²⁶

Sabe-se que tais prazeres são de certa forma biológicos, uma vez que são utilizados a boca e o ânus, identificado como fase anal.

A fase fálica ocorre durante o complexo de Édipo, na qual há a descoberta do pênis, como falo, objeto de poder masculino, a sua valorização como símbolo de poder.²⁷ A fase fálica é a fase de organização infantil da libido que vem depois das fases anal e oral e se caracteriza por uma unificação das pulsões parciais sob o primado dos órgãos genitais, mas, o que já não será o caso na organização genital pubertária. A criança, seja do sexo masculino ou feminino, só conhece nesta fase um único órgão genital, o órgão masculino e a oposição dos sexos é equivalente à oposição fálico-castrado.

A fase fálica corresponde ao momento culminante do complexo de Édipo.²⁸ Nesse período, o complexo de castração é predominante, é onde se instala a “fase dos por quês” aflitivos e pungentes. Os meninos são possuidores do pênis, o que ocasiona a disputa de poder.

Porém, aos quatro anos, o pênis não é apenas o órgão mais rico em sensações. É também o objeto mais amado e o que reclama todas as atenções. Apêndice visível, facilmente manipulável, erógeno e erético, o pênis atrai a mão, assim como a teta atrai os lábios e a língua; o pênis convoca os olhares, atiça a curiosidade dos meninos e das meninas e lhes inspira fábulas, ficções e bizarras teorias infantis. A gravidez imaginária do pênis é tamanha que o menino faz dele seu objeto narcísico mais precioso, a coisa pela qual tem mais apego e orgulho de possuir. Assim, tal culto ao pênis eleva o pequeno órgão ao nível de símbolo de poder absoluto da força viril.²⁹

²⁶ OUTEIRAL, 2008, p. 21.

²⁷ “Conjunto de investimentos amorosos e hostis que a criança faz sobre os pais, durante a fase fálica”. CHEMAMA, 1995, p. 55.

²⁸ Falo é o “Símbolo do sexo masculino”. CHEMAMA, 1995, p. 68.

²⁹ NASIO, J. D. *Édipo o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 22.

1.3 O adolescente e sua construção mediante o Complexo de Édipo: a angústia da castração

Para ilustrar esse fenômeno que ocorre com a criança no período de latência, buscou-se na mitologia grega, na tragédia de Sófocles, subsídios para contextualizar o complexo de Édipo. Segundo a lenda, o oráculo de Delfos profetiza que Édipo, filho de Jocasta e Laio, iria matar seu pai e desposar sua mãe, surgindo então um amor incestuoso e proibido.

Não teria sido o assassino de meu pai nem aos olhos de todos os mortais o esposo daquela que me deu a luz; ao passo que, filho de pais ímpios e tendo ele gerado filhos da mãe da qual nasceu! Se existe uma infelicidade maior que toda infelicidade, esse é o quinhão de Édipo!³⁰

Assim, Roudinesco complementa:

Com Jocasta, Édipo restaura a unidade de Tebas. Sem saber, cometeu o incesto após o parricídio e depois substituiu Laio no ato de geração e procriação. [...] Édipo exerceu poder à maneira de um sábio reconhecido como mestre do saber e soberano absoluto da cidade. Durante anos, ignorou a mulher à qual havia ligado seu destino era sua mãe e que os quatro filhos que tivera dela (Etéocle, Polinice, Antígona, Ismene) [...]. Assassino de seu pai, tinha, porém, por sua aliança carnal com Jocasta, “laborado o próprio campo onde havia sido semeado”, “obtendo depois seus próprios filhos de um casal idêntico àquele do qual havia sido gerado”. Irmãos de seus filhos e de suas filhas, filho e esposo de sua mãe, conjugara o parricídio e o incesto quando se achava um igual dos deuses, o melhor dos homens, o mais sublimes dos soberanos.³¹

É necessário salientar que o complexo de Édipo é um período que ocorre na fase fálica. Nessa fase, há o culto ao pênis, como algo valorativo e necessário símbolo de poder e força.

Falo é o nome que damos à fantasia do pênis, à interpretação subjetiva do pênis, à maneira que cada um e cada uma têm de perceber o apêndice peniano. Mais genericamente usamos a palavra “Falo” para designar a fantasia de todo objeto que se reveste, a nossos olhos de criança, ainda que adultos, do mais alto valor afetivo.³²

Essa fase ocorre no calor pulsional, onde a criança, tanto o menino quanto a menina, sentirá um desejo inconsciente pelo sexo oposto, que iniciará a construção da sua identidade sexual.

³⁰ SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Porto Alegre: L & PM, 1998. p. 94.

³¹ ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. p. 53-54.

³² NASIO, 2007, p. 35.

Freud descobriu o complexo de Édipo primeiro sob sua forma positiva, a que é colocada em cena pela tragédia de Édipo rei: o desejo sexual pela mãe e o desejo assassino pelo pai rival. Depois desvendou sua forma negativa, “Édipo invertido”, ou “Édipo feminino” do menino: o desejo erótico pelo pai e ódio ciumento da mãe. Finalmente sob sua forma completa, o complexo de Édipo designa o conjunto das relações que a criança estabelece com as figuras parentais e que constituem uma rede em grande parte inconsciente de representações e de afetos entre dois pólos de suas formas positiva e negativa.³³

Násio considera o Édipo como um imenso despropósito, caracterizando-o como um desejo sexual próprio de um adulto, vivido na cabeça e no corpo de uma criança de quatro anos que possui os pais como objeto sexual. “A criança edipiana é uma criança alegre que, em toda inocência, sexualiza os pais introduzindo-os em suas fantasias como objetos de desejo e imitando sem pudor nem senso moral seus gestos sexuais de adultos”.³⁴

Diante desse pressuposto, o primeiro amor da criança será com seus pais ou figuras de autoridade, e constituem seus primeiros modelos de homem e mulher.

Sabe-se que todas as fases vivenciadas pelo ser humano influenciam sua vida na adolescência, que é o eclodir, o reviver de todas elas, onde há uma tempestade psicológica, influenciada por fatores biológicos e sociais. Como dito anteriormente, para entender o adolescente atual, deve-se entender sua infância, diante da sua construção histórica, familiar, psíquica e social. A passagem natural do ser humano pelo processo do complexo de Édipo será importante para a construção da sua identidade sexual e sua identificação com o mesmo sexo.

Entretanto, o contexto, familiar, social e lingüístico, bem como as sensações erógenas que emanam de sua região genital e a sensação de ser atraído pelos pais de sexo oposto, são fatores que instalarão progressivamente as bases de uma identidade sexual que só será realmente adquirida muito mais tarde, na época da puberdade. É então que o jovem adolescente integrará a idéia de que o pênis, é um atributo exclusivo do homem e, já descobriu a vagina, que a vagina é um atributo exclusivo da mulher. Pouco a pouco, ele se forjará uma identidade sexual de homem e ao mesmo tempo descobrirá que a masculinidade e a feminilidade são antes de tudo comportamentos que não correspondem necessariamente à realidade fisiológica e anatômica de um homem ou de uma mulher. Aprenderá assim que todos os seres humanos, em virtude de sua constituição bissexual, possuem ao mesmo tempo características masculinas e femininas.³⁵

³³ KAFMANN, Pierre. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: 1993. p. 135.

³⁴ NASIO, 2007, p. 9-10.

³⁵ NASIO, 2007, p. 41.

Assim, diante de tal realidade exposta, após o complexo de Édipo, o menino se frustrará e verá que não poderá possuir sua mãe, nascendo então o superego ou superego (censura), que Freud afirmava ser herdeiro do complexo de Édipo. Nasio considera o superego, herdeiro do complexo de Édipo, pois é uma figura da lei introjetada no inconsciente infantil como um mentor interior.³⁶

O superego é instituído graças a um gesto psíquico surpreendente: o menino abandona os pais como objetos sexuais e os mantém como objetos de identificação. Uma vez que não pode mais tê-los como parceiros sexuais, promete inconscientemente ser como eles em suas ambições, fraquezas e ideais. Sem poder possuí-los sexualmente, assimila a moral deles. É graças a essa incorporação que a criança integra os interditos parentais que doravante imporá a si mesma. O resultado dessa passagem da sexualidade à moral é o que designamos superego e os sentimentos que o exprimem: pudor, senso de intimidade, vergonha e delicadeza moral.³⁷

De uma forma mais clara e contemporânea, Tiba afirma que o superego é o responsável pelo controle social do comportamento do ser humano e começa a ser formado assim que a criança aprende os comportamentos vigentes. Diante disso, um superego muito rígido e exigente provoca timidez e inibição, pois faz o indivíduo sentir que não pode errar.³⁸ Mais adiante, essa questão será aprofundada na seção 1.5.³⁹

1.4 Adolescência e revivência edípica

Assim, o complexo de Édipo é um fenômeno constituinte, intrínseco da fase fálica, sendo considerada a primeira neurose, e de uma ou outra forma será revivido posteriormente em todas as fases da vida humana. Para Nasio, esse processo consiste em uma neurose saudável na vida do ser humano, considerando a adolescência como uma segunda crise.⁴⁰

A adolescência pode ser considerada como um reeditar, um reviver do complexo de Édipo, onde as pulsões estão em evidência. Há uma miscigenação do narcisismo⁴¹ (culto ao falo como objeto de poder) com a negação do próprio corpo

³⁶ NASIO, 2007, P. 142.

³⁷ NASIO, 2007, p. 40-41

³⁸ TIBA, 2010, P. 78

³⁹ Seção 1.5: A psicanálise e a estrutura da personalidade: id, ego e superego.

⁴⁰ NASIO, 2007, p. 93.

⁴¹ Narcisismo: "Amor que o sujeito atribui a um objeto muito particular: a si mesmo". CHEMAMA, 1995, p. 139.

com seus lutos característicos e até mesmo a sublimação⁴² da sexualidade e a execução do ato sexual. Em outras palavras, é o realizar todas as fantasias edípianas.

Observemos que depois de um período de relativa calma pulsional, digo efetivamente relativa, um segundo abalo edípiano irá produzir-se na puberdade. Assim como já fizera aos quatro anos, o jovem adolescente deverá ajustar o ardor de seus impulsos ao seu novo corpo em plena metamorfose da puberdade e às novas solicitações sociais. Mas tal ajuste nunca é fácil para um jovem e eis por que encontramos tantas dificuldades com o adolescente em crise. O jovem não sabe mais refrear seus impulsos como o fizera no fim de seu Édipo; ao contrário, atíça seu desejo tornando-se inibido e tímido. Entretanto, o vulcão edípiano não se extingue na adolescência.⁴³

Seguindo o autor, o complexo de Édipo é reeditado com intensidade na adolescência, agregado ao desenvolvimento puberal que torna as fantasias sexuais possíveis de realização. Isso causa ansiedade e atitudes que abarcam o ser e o existir do adolescente.

Existe uma diferença entre um menino de três anos expressar que quer casar com a mãe e um adolescente fantasiar ou sonhar o mesmo. Lidar com este impulso poderá acontecer de três formas diferentes: 1) impulsivamente, descarregando a sexualidade sobre outra pessoa; 2) por um embotamento da sexualidade; ou 3) sublimado para atividades culturais e/ou esportivas. (...) Os 'rituais de iniciação' da adolescência visam exatamente submeter o adolescente às 'leis' de sua cultura, em especial, estabelecer a interdição do incesto.⁴⁴

Conforme Clerget, a aceitação da proibição do incesto é um início para que outras aprendizagens sejam compreendidas corretamente. As pulsões sexuais vão ser sublimadas de seu objeto, direcionando-se a um contexto social. Sua energia vai estar canalizada para demandas pedagógicas e culturais. Na adolescência, tais pulsões, aproximadamente despertadas entre 6 e 12 anos, são reeditadas, invadindo a subjetividade e conseqüentemente os comportamentos. É justamente por isso, que a prática da masturbação é retomada, podendo haver sentimento culpa, especialmente se essa prática é repreendida na infância.⁴⁵

⁴² Sublimação: "Processo psíquico inconsciente que explica, para Freud, a capacidade da pulsão sexual de substituir um objeto sexual por um objeto não sexual (conotado de determinados valores e ideais sociais) e de trocar seu objetivo sexual inicial por um outro objetivo, não sexual, sem perder de forma notável sua intensidade". CHEMAMA, 1995, p. 206.

⁴³ NASIO, 2007, p. 11.

⁴⁴ OUTEIRAL, 2008, p. 19.

⁴⁵ CLERGET, Stéphane. *Adolescência: a crise necessária*. Rio de Janeiro: 2004. p. 70.

A fase genital⁴⁶ pode ser considerada como a superação do complexo de Édipo, com a possibilidade de vivenciar a sexualidade com a frustração de não ter pai ou a mãe já resolvida. É um período de realização do coito, do ato sexual. Na visão de Freud o processo puberal prima as zonas genitais, favorecendo a ereção para o homem, direcionando sua libido para o objeto de desejo, com a penetração no órgão genital feminino. Para a mulher, amadurece o desejo de ser penetrada culminando com a experiência de orgasmo. O período genital ocorre após as construções afetivas ocorridas na infância e seu preparo na fase de latência.⁴⁷

1.5 A psicanálise e a estrutura da personalidade: id, ego e superego

Para falar da constituição psíquica do adolescente, é necessário comentar acerca da influência desses elementos descobertos e pesquisados por Sigmund Freud.⁴⁸

Para Násio, referindo-se à visão da psicanálise freudiana, quanto à estrutura da personalidade, esta consiste em três elementos denominados de:

Id, Ego e Superego. Traduzindo, todo esse processo Freud realizou uma analogia dessa estrutura psíquica, como uma segunda teoria do aparelho psíquico: o Eu, o Isso e o Supereu, onde: o aparelho psíquico se divide em um “isso”, que é o portador das moções pulsionais, um “eu”, que constitui a parte mais superficial do “isso”, modificada pela influência do mundo exterior, e um “supereu” que, saindo do “isso”, domina o eu e representa as inibições da pulsão, características do homem.⁴⁹

Assim, tais elementos consistem nos processos psicológicos que influenciam a personalidade de uma forma ampla e conjunta, não de forma fragmentada e isolada, pois esses elementos possuem interligação de influências funcionais.

Nessa perspectiva, para Freud, “o ego não se acha nitidamente separado do id; sua parte inferior funde-se com ele”.⁵⁰ Freud complementa que a importância de função do ego se manifesta no fato de que, normalmente, “o controle sobre à

⁴⁶ Fase Genital: “Fase do desenvolvimento psicosssexual caracterizada pela organização das pulsões parciais sob o primado das zonas genitais; compreende dois momentos, separados pelo período de latência: a fase fálica (ou organização genital infantil) e a organização genital propriamente dita que se institui na puberdade”. LAPLANCHE; PONTALIS, 1992, p. 180.

⁴⁷ FREUD, Sigmund. *Resumo das obras completas*. Rio de Janeiro: Livraria Ateneu. 1984, p. 154.

⁴⁸ FREUD, Sigmund. *Obras psicológicas completas: o ego e o id e outros trabalhos*. v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

⁴⁹ NASIO, J. D. *O prazer de ler Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. p. 73.

⁵⁰ FREUD, 1969, p. 37.

motilidade compete a ele. Na sua relação com o id, pode ser considerado como um cavaleiro que deve conter as rédeas do cavalo com sua força, enquanto que o ego utiliza forças tomadas de empréstimo”.⁵¹

“A história do Ego revela que ele se modela progressivamente sobre cada fase predominantemente da organização das pulsões. Uma influência mútua do Ego e do Id não deixa nunca de ser evidente”.⁵² Na verdade, falar sobre a teoria do aparelho psíquico – Id, Ego e Superego – é um exercício acadêmico aplicado à adolescência, na construção dessa relação com essa estrutura psicanalítica. Como dito nas seções anteriores, o indivíduo na adolescência vivencia uma turbulência hormonal, iniciada na puberdade, emocional e conseqüentemente social, influenciando diretamente e indiretamente as relações interpessoais.

Assim, dar conta de todo esse processo subjetivo é complicado, principalmente quando não há o apoio familiar na compreensão e ausência de julgamentos. Este apoio é necessário, principalmente porque na adolescência acontecem as perdas típicas da fase que explicam os lutos vivenciados pelo indivíduo, porém necessários. Conforme afirma Blos,

a perda de objeto sofrida pelo adolescente em relação ao progenitor de sua infância, isto é, em relação à imagem parental, contém características de luto. Essa perda adolescente é mais definitiva e irrevogável do que ocorrida no final da fase edípica [...]. O trabalho de luto é uma importante tarefa psicológica no período da adolescência.⁵³

Adolescer implica uma construção intrapessoal subjetiva, herança da infância, na qual as vivências infantis eclodirão consciente ou inconscientemente, como conteúdos canalizados ou sublimados. O objetivo dessa seção é mapear a Segunda Teoria Tópica de Freud, na qual expressa que a estrutura mental possui uma relação funcional entre si. Esta exerce uma grande influência no indivíduo, principalmente na adolescência, quando as emoções estão mais pungentes.

Assim, o Id, regido pelo princípio do prazer, constitui-se como energia psíquica de motivação armazenada, todo material biológico primitivo primário herdado. Com isso, o Id, constitui-se na estrutura da personalidade original básica,

⁵¹ FREUD, 1969, p. 39.

⁵² BLOS, 1998, p. 234.

⁵³ BLOS, 1998, p. 251.

um reservatório de energia do indivíduo que possui desejos onipotentes, e relacionado às pulsões.⁵⁴

O Id é algo primário e primitivo, assim, é avesso às leis e ordens, é impulsivo, ou seja, é subordinado à pulsão e ao instinto animal presente no ser humano. Portanto, demanda que seus desejos sejam realizados imediatamente. Assim, é inconsciente, atemporal, irracional, não possui lógica ou ética; portanto, é cego, egoísta e impulsivo

No Id se localizam as pulsões, tanto agressivas quanto libidinais, mesclando aspectos somáticos e psíquicos:

Se, situando-nos de um ponto de vista biológico, consideremos agora a vida psíquica, o conceito 'pulsão' nos aparece como conceito-limite entre o psíquico e o somático, como o representante psíquico das excitações que provêm do interior do corpo e chegam ao psiquismo, como uma medida da exigência de trabalho que é imposta ao psíquico em consequência de sua ligação com o corpo.⁵⁵

Exigência de trabalho manifestada pela busca da satisfação libidinal, especialmente penosa ao adolescente. As pulsões atuam no conteúdo onírico à medida que permite que alguns conteúdos sejam revelados, seja de modo latente ou manifesto, o que Freud ilustra na sua obra *A interpretação dos sonhos*:

[...] Tampouco nos tornamos melhores ou mais virtuosos no sono. Pelo contrário, a consciência parece ficar silenciosa nos sonhos, pois neles não sentimos nenhuma piedade e podemos cometer os piores crimes, roubo, violência e assassinato como completa indiferença e sem quaisquer sentimentos posteriores de remorso [...]. Deve-se ter em mente que ocorrem associações e vinculam-se representações nos sonhos sem nenhum respeito pela reflexão, bom-senso, gosto estático ou julgamento moral. O julgamento torna-se extremamente fraco e a indiferença ética reina, suprema [...]. Nos sonhos, como todos sabemos, os procedimentos são particularmente irrefreados nos assuntos sexuais. O próprio indivíduo que sonha fica inteiramente despudorado e destituído de qualquer sentimento ou julgamento moral; além disso, vê todos os demais, inclusive aqueles por quem nutre o mais profundo respeito, entregues a atos os quais ficaria horrorizado em associá-los quando acordado, até mesmo em seus pensamentos.⁵⁶

Como dito anteriormente, a adolescência é a fase em que toda a sexualidade presente no ser humano é reeditada, seja impulsiva ou

⁵⁴ FREUD, Sigmund. O ego e o id. (1923) *Obras psicológicas completa* v. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1969. p. 39.

⁵⁵ KAFMANN, 1993, p. 439.

⁵⁶ FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2001. p. 83.

sublimadamente, representada no conteúdo onírico, além de seus conteúdos pessoais aflitivos e angustiantes.

No período da adolescência, os instintos e as pulsões, tanto de vida quanto de morte, ficam mais vulneráveis devido a todo o processo de mudança hormonal, psicológica e social. É um momento delicado, no qual o jovem não sabe lidar com todas as transformações no seu contexto, já que vivencia uma fase intermediária e ainda em construção.

O início da puberdade traz consigo um aumento quantitativo da energia pulsional instintual. Acontece uma *recatexia* das posições instintuais pré-genitais, muito parecidas, sob muitos aspectos, à difusão da pulsão. “[...] Vale a pena lembrar que todos os impulsos pré-genitais, em seus alvos de incorporação, parecem possuir certo componente destrutivo”.⁵⁷

Assim, na adolescência, o Id está mais pulsante, o reeditar dos desejos da infância eclode nesse período, no qual as limitações não estão bem solidificadas. Os pais ou figuras de autoridade devem apresentar limites e impor regras aos desejos e a tais pulsões que serão revivenciadas. Isso ocorre, pois o Id não quer ter tensão ou dor, seu objetivo é obter prazer. Assim, a masturbação é reeditada como alívio das tensões, em um momento de escape ou fuga, no qual toda a descarga energética sexual é liberada:

A prática da masturbação é usada como meio de alívio e tensão. Ela permite igualmente uma colocação de uma elaboração fantasmática que poderá ser reutilizada nos relacionamentos sexuais com o outro. A existência de relações sexuais não a faz desaparecer. O prazer masturbatório é sentido como diferente.⁵⁸

Assim, Outeiral e outros ainda acrescentam que a atividade masturbatória na adolescência é de cunho bissexual.

Talvez um dos melhores exemplos que temos de atividade bissexual na adolescência seja a masturbação, tão comum a ambos os sexos nessa etapa da vida. Imaginemos um rapaz (reconhecendo que o mesmo acontece com as moças) que com uma parte do seu corpo sua mão “constrói” uma vagina, e com a sua imaginação uma moça que ele deseja.

⁵⁷ BLOS, 1998, p. 233.

⁵⁸ CLERGET, 2004, p. 242.

Com tal atitude ele não necessita “do outro” para a satisfação sexual. Obtém prazer por si mesmo, numa atividade auto-erótica.⁵⁹

Como resultado desse processo pulsional, essa energia primitiva (libido), que influencia o pensamento e conseqüentemente o comportamento, não irá apenas relacionar-se com o prazer carnal ou orgânico, mas haverá também uma canalização de energia de afetos tanto positivos quanto negativos para os pais e amigos.

O Ego, regido pelo princípio da realidade, constitui-se na instância que tenta manter o equilíbrio entre as exigências estabelecidas pelo Id e as determinações do Superego. Sua função é garantir saúde e conseqüentemente homeostase psíquica. Segundo Blos, o tema do ego é de especial destaque porque seu estudo possibilita uma visão mais delineada da fase da adolescência relacionado à reestruturação psíquica “tal como manifestada nas atividades transitórias do ego e nas suas permanentes alterações”.⁶⁰

O adolescente já não possui mais o ego infantil, está em processo de transição, na construção de um novo ego, causando um profundo tédio, onde

as mudanças físicas, a sexualidade a mentalizar, as revisões do superego, as percepções do mundo e de si, inéditas, devidas às novas potencialidades intelectuais e físicas, a mudança do olhar dos que o cercam sobre sua nova pessoa concorrem para transformar o ego do adolescente. Ele perdeu seu ego de criança. Não se reconhece mais fisicamente no espelho e não se reconhece tampouco mentalmente. Esta perda da imagem mental de si participa da vivência depressiva.⁶¹

Apesar do Ego ser em boa parte consciente, é influenciado pelo inconsciente, pois está relacionado aos controles impulsivos, retardando-os em alguns casos, reconciliando impulsos incompatíveis, objetivando conseguir alvos palpáveis. Dessa forma, está entre o Id e o Superego, como mediador, possui contato com a realidade exterior e realiza a personalidade.

É a morada da consciência, de tudo que é exposto, com um acordo com o Superego e o Id, regulador, uma “balança”, entre ambos. Com isso, a função básica do Ego é a percepção, o pensamento, memória e o sentimento, pois está em contato com a realidade externa. Blos afirma que o ego (natureza, operação e função) pode

⁵⁹ OUTEIRAL, 2008, p. 19.

⁶⁰ BLOS, 1998, p. 229.

⁶¹ CLERGET, 2004, p. 80.

ser mais bem estudado durante as fases de deslocamentos de amadurecimento, referindo-se ao equilíbrio entre a pulsão e o ego que ainda é irresoluto. Diante disso, a subjetividade deve acomodar-se a novas pulsões instintivas tanto em quantidade e qualidade, envolvendo conseqüentemente novas demandas do mundo externo.⁶²

Para Blos, referindo-se ao contexto do controle adolescente relacionado ao instinto, pode ocorrer uma subestimação dos esforços egoicos objetivando conter a pulsão agressiva, direcionando atenção quase sempre para os conflitos libidinais.⁶³

O Ego na sua construção durante a adolescência age diante de alguns comportamentos de defesas, inconscientemente ou não, tanto nos sonhos ou até mesmo com resistência a certas pessoas ou situações, dependendo do seu conteúdo interno e de suas construções inconscientes, como mecanismos de defesa do ego, um recuo.

Diante das modificações corporais ocorrentes na adolescente é comum o ascetismo, estabelecendo um paralelo no plano do psiquismo, com o processo de intelectualização. Esse procedimento consiste em um mecanismo de defesa do ego que o adolescente se utiliza quando afrontado com o incurso de sua subjetividade, mediante pulsões, com desejos sexuais ou agressivos.⁶⁴ Segundo o mesmo autor, o recuo aproxima-se do tédio, funcionando como uma proteção em relação ao seu contexto vivenciado, contra qualquer forma de tristeza e a angústia de morte. Desse modo a criança, que se mostrava receptiva ao seu mundo externo, passa a restringir suas atividades e relações interpessoais, como um processo de mecanismo de defesa.⁶⁵ No extremo, há uma paralisação dos desejos e das vontades, considerando o tédio com um efeito funesto, entediando o ego do adolescente em se fazendo de morto.⁶⁶

O adolescente pára o esporte ou a prática musical a que se dedicava desde pequeno, para desgosto de seus pais que se maravilhavam com o nível atingido. Não vê mais seus amigos de infância e não tem novas amizades firmes. Parece submisso aos desígnios da vida e não tem nenhuma iniciativa, o que irrita os familiares que têm a impressão de carregar um peso. Parece entorpecido. A diferença em relação ao tédio é que o

⁶² BLOS, 1998, p. 230.

⁶³ BLOS, 1998, p. 233.

⁶⁴ CLERGET, 2004, p. 81.

⁶⁵ CLERGET, 2004, p. 83.

⁶⁶ CLERGET, 2004, p. 83.

adolescente não se queixa do recuo. Ele se apresenta indiferente aos seres e às coisas.⁶⁷

O desenvolvimento do Ego se dá no processo de tomada de consciência, na construção da identidade do ser humano, onde cotidianamente conscientiza-se de si, e aprende a burlar as exigências do Id. Assim o Ego pode ser comparado a uma casca externa, protegendo o Id; porém, quando necessário, busca sua energia para algumas realizações.

No momento de anormalidade, o ego apela para a proteção de sua integridade do contato com meio externo.⁶⁸ O Ego do adolescente é formado no seio familiar, para mediar entre as exigências do Id e a realidade, ou seja, é a estrutura da organização familiar que ajudará o indivíduo a lidar com as exigências pulsionais do Id.

O Superego consiste na última estrutura da personalidade, julgando-o de forma crítica e conseqüentemente filtrando suas ações. Com isso, é depositário de moralidade, paradigmas e códigos de conduta. Possui como função a moral, os ideais, a consciência e auto-observação. “[...] O superego pode ser acompanhado desde a primeira infância por meio de muitas de suas etapas precursoras, até assumir a estrutura definitiva de uma instituição psíquica no declínio da fase edípica”.⁶⁹

É necessário ressaltar que o Superego representa os valores e ideais sociais, conforme sua transmissão geracional e conseqüentemente cultural. Com isso, inibe os impulsos do Id, persuadindo o ego para a substituição dos objetivos impulsivos pelos morais aceitos pela cultura. “A maneira pela qual o superego surge explica como é que os primitivos conflitos do ego com suas catexias objetivas do id podem ser continuados em conflitos com seu herdeiro, o superego”.⁷⁰

Diante de suas funções expostas e de sua significância, o Superego possui atividade consciente e inconsciente, surgindo na forma de proibição, enquanto proibições de padrões da moralidade, relacionado a recompensas e punições psicológicas, onde tais recompensas traduzem-se em sentimentos de orgulho e autoestima, assim como as punições revelam-se como sentimento de culpa ou

⁶⁷ CLERGET, 2004, p. 83-84.

⁶⁸ BLOS, 1998, p. 231.

⁶⁹ BLOS, 1998, p. 247.

⁷⁰ FREUD, 1969, p. 51.

inferioridade. Assim, na construção cotidiana do indivíduo, ninguém precisará dizer-lhe “não”, pois é como se ele “ouvisse” uma voz interna de proibição.

Desenvolve-se a partir do Ego e origina-se a partir do complexo de Édipo, diante da internalização, devido à proibição do incesto, limites e autoridade, resultando sentimento de culpa, onde seus conteúdos são subordinados às exigências sociais e culturais, podendo ocorrer tal consequência na vida do adolescente, sob forma de sublimação, nas artes ou nos esportes.

O superego possui como tarefa a mediação de instintos primitivos e o meio externo, além de exercer a função de controle do Ego, exercendo a censura, a instância jurídica da personalidade, quer o ideal. Os aspectos e padrões culturais consistem como coibentes e canalizam as pulsões e os instintos como forma de mecanismos de ajustamentos sociais às regras de condutas.

A partir dessa investigação da sua conjuntura funcional, o Id e o Superego podem escravizar o Ego, perante atitudes intempestivas, compulsivas e nos estados de melancolia, ou seja, na depressão.

Diante dessa investigação, foi possível considerar que tal estrutura do aparelho psíquico não se constitui de forma vazia ou isolada, mas sim imbricada e interligada, devido à habitação de conjuntos de experiências pessoais de cada indivíduo, nas quais há a necessidade do resgate da história particular, que singularmente está ligada a um contexto único.

1.6 Latência, adolescência e sexualidade: de Freud a Erik Erikson

Depois da investigação da constituição primitiva do psiquismo, cabe reunir e avançar. Para Blos, apenas quando se compreende psicanaliticamente a primeira infância é possível entender a puberdade e seu processo rumo à adolescência, estabelecendo um contínuo de evolução psicológica.

Os anos entre a primeira infância e a adolescência, o período de latência é da maior importância na preparação para a adolescência, porque esse período estabelece novos caminhos para a satisfação e o domínio do ambiente, por meio do desenvolvimento da competência social e de novas capacidades físicas e mentais.⁷¹

⁷¹ BLOS, 1998, p. 23.

Uma ponderação contemporânea: em seguida vem a fase genital, a execução do ato sexual em si, para a qual os adolescentes estão caminhando mais cedo. Devido a essa realidade, na adolescência ocorrem com frequência gestações indesejadas, onde nem o menino e nem a menina prepararam-se para conceberem um filho.

Para engravidar seria necessário que a mulher estivesse biologicamente amadurecida e preparada psicologicamente, com um companheiro para formar uma família, e que tivesse dinheiro suficiente para prover e educar o filho. Diante das diversas transformações biológicas, sociais e psicológicas ocorridas na adolescência, Erikson investiga essa realidade com a teoria dos Ciclos da Vida, em uma visão psicossocial. Ele defende que a energia ativadora do comportamento é de natureza psicossocial, integrando não apenas fatores pulsionais biológicos e inatos, como as pulsões e a libido, mas também fatores sociais, experiências em contextos histórico-culturais distintos.

Para a teoria eriksoniana, desenvolvimento psicossocial é sinônimo de formação da personalidade que evolui ao longo de oito estágios que constituem o ciclo da vida. Cada estágio corresponde à formação de um aspecto particular da personalidade, onde os cinco primeiros estágios de Freud (fase oral; anal; fálica; latência e genital) correspondem aos cinco primeiros de Erikson (Confiança *versus* Desconfiança; Autonomia *versus* Vergonha e Dúvida; Iniciativa *versus* Culpa; Indústria *versus* Inferioridade; Identidade *versus* Confusão de Papel; Intimidade *versus* Isolamento; Generatividade *versus* Estagnação; e Integridade do Ego *versus* Desesperança).

Para Erikson, a cada estágio há uma crise entre os dois pólos, pois são vivenciados como conflito. Cada fase conflituosa tem de ser resolvida de forma positiva ou negativa pelo indivíduo, trazendo consequências para a fase seguinte.

Erikson muito contribui para a compreensão do adolescer, pois no cerne da sua teoria há a abordagem do comportamento adolescente como um dos estágios da vida humana. Diante do exposto, o quinto estágio da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial de Erikson ocorre entre os 12 e os 18 anos, ganha adjacências diferentes devido à crise psicossocial que ocorre nessa fase, ou seja, é o período da Identidade *versus* Confusão de Papéis, correspondente à Fase Genital freudiana.

Referido-se à mente do adolescente na sua fase transicional, Erikson afirma que esta constitui-se um *moratorium*, que consiste em uma “etapa psicossocial entre a infância e a fase adulta, entre a moral aprendida pela criança e a ética a ser desenvolvida pelo adulto”.⁷²

Em relação ao conflito central entre Identidade e Confusão de Papeis, Erikson afirma que na solução positiva o jovem vai adquirir uma identidade psicossocial, ou seja, compreenderá sua importância e sua função na sociedade.

Nesse processo, ocorrendo a solução negativa, implicará consequências para a fase seguinte. Por esse descompasso, pode-se considerar, como um risco dessa fase a não consolidação da identidade e a conservação no polo da confusão de papéis, onde a escolha amorosa do adolescente incide em uma tentativa de definir sua identidade com a projeção da imagem do seu ego no outro, para gradualmente, vê-la definida e refletida.⁷³

Nessa fase de descoberta, é comum o adolescente experimentar novos desafios que abarcam suas ações para consigo, e para com o outro, sejam amores, a busca de uma carreira e de profissionalização. Na proporção em que as pessoas em seu contexto ajudam na resolução dessas questões desenvolverá de forma positiva o sentimento de identidade pessoal. Caso não encontre respostas para suas questões, na vertente negativa, pode-se desorganizar, perder a referência e levar problemas para a fase seguinte.

Esse primeiro capítulo, considerado introdutório e de base para o seguinte, objetivou proporcionar um esclarecimento de termos, no que se refere ao contexto adolescente, sob a luz da psicanálise para pais e professores. No que se refere à metáfora “do casulo à libertação”, o capítulo tratou do processo de formação intrapsíquica do adolescente. É a transformação interna, para em seguida, mediante ações, concretizar-se no plano social.

Assim, no próximo capítulo, o adolescente será tratado de uma forma integrada com influências da questão familiar com a importância de discutir a “adolescência como um segundo parto”, da função materna e paterna, e seus desdobramentos nessa “nova vida”, após sua “libertação”.

⁷² ERIKSON, Erik. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971. p. 242.

⁷³ ERIKSON, 1971, p. 241.

2 A DINÂMICA DA FAMÍLIA E A FORMAÇÃO DO EU: ASPECTOS INTRAFAMILIARES

*“Eu não tenho mais a cara que eu tinha,
No espelho essa cara já não é minha.
Mas é que quando eu me toquei, achei tão estranho,
A minha barba estava desse tamanho”.*

(Nando Reis)

*“Mudaram as estações
Nada mudou
Mas eu sei que alguma coisa aconteceu
Tá tudo assim tão diferente”*

(Renato Russo)

Esse capítulo será dedicado à construção familiar e suas influências na vida do adolescente. A adaptação desta “nova” família que recebe seu “novo” filho no adolecer, e o caminhar de todo esse processo que assim como o parto, pois adolescência é um segundo parto, mexe com toda a estrutura familiar. O objetivo é abordar a questão da função materna e paterna na vida do bebê e seu desdobrar ao longo da vida desse ser, onde todas as influências eclodirão na adolescência.

Entender o processo mutacional vivenciado pelo adolescente requer preparo. Saber e internalizar que aquela criancinha, tão indefesa, transformou-se em um “mocinho” ou em uma “mocinha” implica “treinamento” diário e vivencial e respeito a todos os ritos que o momento “pede”.

A dinâmica de uma família com adolescentes é totalmente diferente de uma dinâmica de uma família com crianças, onde estas vivenciam uma fase puramente infantil, mesmo com existência da sexualidade. Viver com adolescentes significa moldar-se a essa realidade, preparar-se e entender todo o processo biopsicosocial que o indivíduo atravessa, dessa forma, a família deve ser aliada, pois o adolescente, na sua conjuntura, precisa ser ouvido, compreendido, e não julgado.

Assim, para que o adolescente atravessasse essa fase de forma tranquila, é necessário que desde a infância os laços afetivos estejam sólidos, equilibrados e os pais ou figuras de autoridades estejam preparados para tais mudanças. Além disso, é preciso acompanhar, orientar e preparar o jovem nesse processo. Dessa forma, a estrutura familiar e o modo como seus membros se relacionam terá reflexos na evolução apresentada pelos adolescentes.

Winnicott define a família como o primeiro agrupamento, e de **todas** as afliências é o que está mais próxima de ser um agrupamento dentro da personalidade”.⁷⁴ Em outras palavras, a família adentra o ego do adolescente, para seu bem ou seu mal. Justamente por isso é importante que a família compreenda seu papel e as características peculiares que permeiam o adolescer. Caso contrário, poderá causar desequilíbrio entre seus membros, ao desconhecer todo o processo ritualístico e pulsional que emerge nessa fase.

Existem famílias com capacidade de ajudar seus adolescentes nos momentos de crise, amenizando suas angústias e facilitando seu crescimento. São solidárias nos momentos de dificuldades e participantes nas satisfações. Mas existem famílias sem capacidade de conter suas próprias angústias ou as angústias dos seus adolescentes. Podem reagir de forma a agravar as dificuldades existentes.⁷⁵

Assim, para a adolescência caminhar de forma tranquila e saudável, a família deve preparar-se para esse processo. Não julgando o adolescente na sua individualidade, deve acompanhá-lo e compreendê-lo.

É válido lembrar que esse período na maioria das vezes é permeado por inseguranças e conflitos de ambas as partes, o que conseqüentemente resulta em discussões, nas quais os pais sentem dúvidas a respeito da educação que passaram para seus filhos, devido às atitudes por vezes intempestivas ou de isolamento dos filhos nesse processo de busca pela autonomia. Içami Tiba ilustra perfeitamente esse processo:

Muitos pais de adolescentes se sentem desanimados: “Já fiz tudo errado. Como corrigir os erros nessa fase em que meu filho começa a ter vida própria?” [...] A rebeldia, a discordância de ideias, algumas autonomias não indicam que os filhos já não dependem dos pais. Situações há em que os pais consideram seus filhos desobedientes, quando, na realidade, estes já começam a desenvolver um pensar diferente dos pais, encontrando diferentes maneiras de resolver problemas. Portanto, diferenças comportamentais nem sempre significam desobediência.⁷⁶

Diante de todo esse processo, os adolescentes sentem necessidade de uma “separação” dos seus pais, para serem aceitos por algum grupo afim, utilizando, por exemplo: roupas, maquiagens, gírias, ou seja, algum elemento que o identifique membro daquele grupo.

⁷⁴ WINNICOTT, 2011, p. 125.

⁷⁵ MARCHEVSKY, Noé. *Psicanálise e(m) prática*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p. 48.

⁷⁶ TIBA, 2010, p. 113.

Assim, podemos considerar que a dependência dos pais, da família, é muito importante, embora possa variar nas diferentes culturas; que “independência emocional” é algo que nunca atingimos totalmente; e que uma das tarefas centrais da adolescência é a “independização”. Esta, é necessário deixar claro, não é uma ruptura com a família, mas sim a transformação de vínculos infantis de relacionamento por outro tipo de vínculo mais maduro, mais independente e de maior tolerância (menor idealização) com os pais. Tal processo é sem dúvida, doloroso tanto para os adolescentes como para os pais. Para poder se “independizar”, ocorrerá, nesse momento, que o adolescente necessitará “desvalorizar” os pais, pois, assim, “sentirá” que se afasta “sem perder muito”. Os pais passarão por uma “dura prova” porque esta conduta por parte do filho lhes será por si mesma dolorosa e porque, na verdade, erraram muitas vezes, como acontece na condição humana, mas que nosso narcisismo - maior ou menor - torna difícil de aceitar.⁷⁷

Esse processo transicional e necessário será permeado de ritos próprios, um natural desprezo aos genitores, inserção aos grupos de identificação, para os quais os pais devem preparar-se e preparar os filhos para atravessar essa fase de forma mais tranquila.

Assim, nesse capítulo, a investigação teórica segue no contexto de todo esse processo afetivo, interligado com o tecnológico (convivência da família devido à utilização de todo material tecnológico), que será tratado neste momento a seguir.

2.1 A adolescência é um segundo parto

O simples e complexo ato de parir, ou seja, de nascer, pois é evidente que para um parto precede uma gestação, é um ato biológico e social, independentemente da espécie, ou humana ou animal.

Diante de tal realidade que ocorre com o ser humano é possível realizar uma comparação “do nascer”, “do florescer” do ser humano, com a adolescência.

Para o estudo da adolescência, não deve haver um isolamento ou rompimento da questão social, intrínseca na vida humana, pois adolecer também implica no fator social e cultural como expressam Aberastury e Knobel. “Concordo plenamente com os autores que, ao estudarem a adolescência, destacam a importância dos fatores socioculturais na determinação da fenomenologia expressiva nesta idade da vida”.⁷⁸ Inclusive a metáfora utilizada nessa produção acadêmica, intitulada *Da metamorfose do casulo à libertação*, foi justamente inspirada nesse

⁷⁷ OUTEIRAL, 2008, p.14-15.

⁷⁸ ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 24.

processo de renascimento, de reflorescimento que o ser humano, independentemente da classe social, vivencia. Resolveu-se investigar esse processo e conseqüentemente dedicar-lhe essa seção. Tiba teoriza esse processo:

Pelo segundo parto, a criança se transforma em púbere e adolescente [...] A puberdade marca o fim da infância e o começo da adolescência, assim como o parto marca o fim da gestação e o começo da infância. A puberdade, já pertencendo à adolescência, está muito bem definida no desenvolvimento biológico pelo aparecimento dos pelos pubianos, resultantes da produção dos hormônios sexuais.⁷⁹

Como abordado anteriormente, a adolescência compreende um processo orgânico. Portanto é biológico, psicológico e conseqüentemente social, pois todo esse procedimento interno altera o comportamento, tanto intra quanto interpessoal.

As mudanças de comportamento do adolescente ocupam a frente da cena familiar fazendo com que se esqueça a criança que ele era. Os pais não o reconhecem mais e com freqüência têm a impressão de se encontrar diante de um estranho. Às mudanças físicas somam-se de fato as mudanças relativas à personalidade. As modificações na conduta aparecem sob vários registros.⁸⁰

A adolescência é um segundo parto, pois é a partir dela que o indivíduo renasce de criança para uma fase intermediária que é a fase adulta, acompanhada de descobertas biológicas (nos meninos: crescimento da barba, nascimento de espinhas, engrossamento da voz, nascimento do pomo de Adão, o ato da masturbação, pulsão dos desejos; nas meninas: nascimentos dos pelos pubianos, crescimento dos seios, a menarca, nascimento de espinhas e os novos contornos corporais de mulher), psicológicas e sociais. Aberastury e Knobel descrevem as características da Síndrome da Adolescência Normal através de uma série de manifestações típicas da fase, como:

Busca de si mesmo e da identidade; tendência grupal; necessidade de intelectualizar e fantasiar; crises religiosas; deslocamento temporal; evolução sexual manifestada; atitude social reivindicatória; contradições sucessivas em todas as manifestações da conduta; separação progressiva dos pais e constantes flutuações do humor e do estado de ânimo.⁸¹

Considerando tal perspectiva, o renascer juvenil ocorre de uma forma turbulenta e intempestiva; “da sobrevivência” a essa tempestade resultará um adulto

⁷⁹ TIBA, 2010, p. 27-28.

⁸⁰ CLERGET, 2004, p. 13.

⁸¹ ABERASTURY; KNOBEL, 2011, p. 27-28.

tranquilo e seguro, quando acompanhado, orientado e compreendido. Todos adolecem, e vivenciar todos os conflitos internos que a fase oferece é necessário para continuar as relações internas. Além do mais, todas as construções infantis retornarão na adolescência, de forma angustiante, porém necessária.

Dissemos antes que os conflitos só são solucionados parcialmente ao final da adolescência; ainda assim realiza-se uma síntese que é realmente individualista e estável [...]. De qualquer modo, nossa opinião é a de que essa síntese definitiva do ego ao final da adolescência incorpora remanescentes não resolvidos (traumáticos) da primeira infância, e que esses remanescentes dinamicamente ativos proporcionam, por sua vez, uma força motriz premente e decidida (repetição compulsiva), que se torna evidente na condução da vida.⁸²

Os conflitos são necessários para a formação da identidade, como argumenta Blos a partir de Erikson:

Erikson sugeriu que consideremos a adolescência não como período de aflição, mas como uma “crise normativa”, isto é, uma fase normal de maior conflito caracterizada por uma aparente flutuação no vigor do ego, e também por um alto potencial de crescimento... Aquilo que, num exame preconceituoso, pode parecer o início de uma neurose é, com frequência, apenas uma crise agravada que poderia ser autoliquidada e, de fato contribuir para o processo de formação de identidade.⁸³

Finalmente, Outeiral complementa quanto a essa insatisfação egoica da adolescência, que ela se expressa na forma de desejos e gostos sempre imprevisíveis, porque o ego adolescente “se desestrutura com facilidade e se rearma com dor e pena”,⁸⁴ mobilizando o corpo de um modo quase permanente, mas nem por isso satisfatório.

Um elemento fortemente presente na adolescência é o luto, que faz parte do processo maturacional do indivíduo, que é diretamente relacionado às perdas, iniciadas desde bebê, com a perda do seio, primeiro objeto de prazer, até a fase edípica, que Násio também considera como período de perdas.

Com efeito, nessa idade a criança já fez a experiência de perder os objetos vitais: o bebê perdeu o seio materno que considerava uma parte de si próprio; em seguida fez a experiência de renunciar à mamadeira e se separar de seu primeiro “paninho”; mais tarde, a experiência de defecar e constatar que seu “cocô” separa-se dele; fez também a experiência de perder o status de filho-rei com o nascimento de um irmãozinho ou

⁸² BLOS, 1998, p. 254.

⁸³ BLOS, 1998, p. 18.

⁸⁴ OUTEIRAL, 2008, p. 27.

irmãzinha; e, finalmente, talvez já tenha chorado a morte de um parente. Resumindo, na idade edipiana uma criança é perfeitamente capaz de se representar a perda de um objeto que lhe era caro e temer que ela se repita.⁸⁵

Assim, o bebê passa do princípio do prazer (Id) para o princípio da realidade (superego-construção do ego). Sucessivamente, há perdas e lutos elaborativos que será vivenciado na adolescência, levando ao crescimento do ego adolescente na capacidade de suportar desilusões e perdas.⁸⁶

Esse luto está relacionado à perda do corpo infantil e todas as ritualizações lúdicas que permeiam essa fase. Assim, toda essa dor psíquica é transformada em agressividade e isolamento, em resistência ao banho e a outras ordens dos pais. Assim, esse processo é sublimado em desenhos, composição de músicas, poesias e no modo de vestir-se.

Outeiral e outros complementam que na adolescência a pessoa assiste e sofre passivamente várias transformações em seu corpo, e em decorrência também em sua personalidade. Perde assim seu corpo infantil, mas ainda conserva a mente infantil,

com um corpo que vai se fazendo inexoravelmente adulto, que teme, desconhece e deseja e, provavelmente, que ele percebe aos poucos diferente do que idealizava ter quando adulto. Querendo ou não, o adolescente precisa morar num novo corpo e numa nova mente as modificações do corpo a que tenho referido são vividas como invasoras e ameaçadoras.⁸⁷

Outeiral teoriza quanto à dificuldade em trocar as roupas, muito comum nessa fase e que, muitas vezes sujas, que o adolescente resiste em trocá-las demonstrando claramente os problemas em encarar as mudanças corporais, além de desfazer-se de partes do corpo, herança da identidade infantil. “Por outro lado, o vestir-se em desalinho e com pouca higiene também reflete uma defesa contra os impulsos heterossexuais, à medida que eventuais parceiros são mantidos à distância”.⁸⁸

⁸⁵ NASIO, 2007, p. 23.

⁸⁶ WINNICOTT, D. W. *Privação e delinquência*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 150.

⁸⁷ OUTEIRAL, 2008, p. 9-10.

⁸⁸ OUTEIRAL, 2008, p.11.

Nesse mesmo contexto, há os distúrbios alimentares provenientes dessa não aceitação do “novo corpo”, causando sofrimento e sentimento de impotência, devido ao aumento ou perda de peso. Os adolescentes recorrem a regimes dietéticos e musculação, para ganho ou perda de peso, objetivando camuflar características peculiares dessa fase.

A obesidade, a bulimia e a anorexia nervosa são alguns dos quadros com os quais nos defrontamos com frequência e que representam, muitas vezes, tentativas onipotentes de controle do processo puberal [...] A obesidade, por exemplo, poderá ter vários significados, tais como o de uma “carapaça” ou da criação de um “escudo protetor” no qual se refugiam e também ocultam suas novas formas físicas, que poderão ser sexualmente atrativas e que provocam, por isso, o interesse dos outros. Mesmo nos adolescentes que vivem normalmente tal processo evolutivo, podemos observar como os regimes dietéticos (por vezes desnecessários) para ganhar ou perder peso, e as aulas de ginástica ou de dança, buscando harmonizar os movimentos desajeitados e torpes característicos são freqüentes [...] Os adolescentes externam suas ansiedades e fantasias diante das mudanças com criações de desenhos que refletem as sensações frente à aparição de caracteres sexuais, às vezes, sendo incluído algo estranho, bizarro ou mesmo monstruoso na zona genital. Em outras situações, há uma negação da sexualidade com desenhos sem definição sexual [...] outra questão relevante é observar as roupas como elemento do corpo do adolescente e sua integração ao esquema corporal e à identidade, externando impulsos, fantasias e conflitos [...] A uniformidade no vestir, poderá se constituir numa busca de integração, de ser aceito dentro de determinada grupo (“grunge”, “patricinha”, “cluber” etc.).⁸⁹

Outro aspecto relevante é a questão do narcisismo, desse amor desenfreado, dessa necessidade “do ser belo” na fase da adolescência, em uma valorização do eu de forma exagerada, seja na aparência - geralmente as meninas, com o trato com o corpo e os cabelos - seja no vigor e na força e no tamanho do pênis - os meninos - isto é, do falo, que no universo masculino é símbolo de poder e virilidade.

É bem conhecida a qualidade narcísica da personalidade do adolescente. A retirada da catexia objetal leva a uma supervalorização do eu, a um aumento da autopercepção à custa da prova de realidade, a uma extrema sensibilidade e auto-absorção e, geralmente, à centralização em si mesmo e ao auto-engrandecimento.⁹⁰

Aqui, merecem destaque os ritos de passagens que fazem parte do universo de mudanças, seja de idade ou até mesmo de algo relacionado a seu grupo identitário.

⁸⁹ OUTEIRAL, 2008, p.11.

⁹⁰ BLOS, 1998, p. 121-122.

Os ritos de passagem à adolescência têm como fundamento simbólico marcar a diferença dos sexos e das gerações. Esse simbolismo repousa sobre fundamentos anatómicos que são a existência de dois sexos entre os mamíferos e de uma maturação sexual separando as gerações dos adultos das crianças. O tema da morte é igualmente onipresente porque dá corpo à vida.⁹¹

Assim, os ritos têm como característica principal um marco, ou seja, uma separação entre um estado anterior e a outro posterior, onde esse processo vem para marcar a transição de um período, de uma fase para outra, assim como é a própria adolescência.

Os rituais da adolescência têm uma parte conhecida, comum e estabelecida simbolizando o mundo que se deixa. Eles compreendem igualmente uma parte de experiência individual sob o olhar dos que estão à volta, mas à margem do grupo. [...] Há o conjunto da comunidade no seio da qual o grupo de adolescentes se marginaliza, se isola. O adolescente deve ser reconhecido por toda a comunidade como membro do grupo formado por seus pares e deve se fazer reconhecer por esses últimos como um deles. Em seguida deve poder deixá-los para encontrar o conjunto da comunidade social, uma vez tornado adulto.⁹²

Diante de tal investigação, percebe-se a relevância de traçar a conexão entre adolescentes e família, uma vez que o primeiro é derivado do segundo. Com isso, observa-se a influência que a família possui na vida do jovem adolescente.

Quando o adolescente “floresce”, “rompe seu laços com o casulo”, causa “um abalo” em toda a estrutura familiar, na qual todos os membros passam pelo fenômeno “do querer adolecer”.

Diante desse contexto, Outeiral e outros complementam:

No meu entender, quando um grupo familiar tem um filho que se torna adolescente, este grupo, como um todo “adolesce”: os pais, reativando seus elementos adolescentes, poderão portar-se, muitas vezes como tal; e os irmãos mais novos também irão querer “adolecer”.⁹³

De um modo geral, as famílias sentem dificuldades com os seus adolescentes. A família é de certa forma, “palco dos ‘dramas’ de nossa espécie: amor, ódio, ciúme e inveja, entre outros sentimentos mais ou menos confessáveis, que estão presentes no cotidiano desse agrupamento especial”.⁹⁴

⁹¹ CLERGET, 2004, p. 166.

⁹² CLERGET, 2004, p. 166-167.

⁹³ OUTEIRAL, 2008, p. 15.

⁹⁴ OUTEIRAL; CERESER, 2005, p. 11-12.

Sabe-se que problemas de ordem comum ou não, as famílias possuem, mas preparar-se para a fase da adolescência é fundamental, para o entendimento das queixas e dos sintomas que a adolescência apresenta, e tentar, ajudá-los.

2.2 Função materna

Neste subtópico, será discutido a função materna e sua influência no comportamento do adolescente. Mas para tanto, é necessário falar da relação mãe e bebê para entender a adolescência. Uma vez que nessa fase transicional, todos os sentimento infantis retornam em uma configuração diferenciada, adaptada ao momento vivenciado, diante de todas as experiências e descobertas vivenciadas pelo adolescente.

Falar de função materna é falar de mãe, maternagem, cuidado, carinho, apego e proteção e primeira noção de identidade, na construção da autoimagem do bebê. Essa seção irá tratar da influência dessa mãe na construção infantil de identificação e conseqüentemente seus reflexos na adolescência.

Outeiral, Moura e Santos afirmam que Winnicott em sua teoria, aborda que o bebê não dissociado de sua mãe, cria sua primeira percepção de identidade mediante o olhar desta e gradativamente forma sua autoimagem. Nesta fase inicial é que são transmitidas noções de masculinidade e feminilidade no contexto familiar, além da noção de ser amado e merecer atenção.⁹⁵

No início da vida da criança, a mãe, através da identificação, sintonizada com o filho, compreende seus anseios, proporcionando-lhe conforto e satisfação. Neste ambiente de estabilidade, afeto e tranquilidade, o bebê se estrutura como sujeito separado dela com desejos e fantasias próprias.⁹⁶

O processo de maternagem é típico da mulher, que gera e cuida dos filhos, até mesmo por uma condição natural biológica e social.

Em nossa sociedade, como na maioria das sociedades, as mulheres não apenas geram filhos. Elas também assumem a responsabilidade inicial pelo cuidado da criança, dedicam mais tempo a bebês e crianças do que os homens, e mantêm os primeiros laços emocionais com os bebês. Quando

⁹⁵ OUTEIRAL; MOURA; SANTOS, 2008, p. 167.

⁹⁶ OUTEIRAL; MOURA; SANTOS, 2008, p. 80.

as mães biológicas não proporcionam os cuidados iniciais, outras mulheres, e não homens, virtualmente sempre assumem o seu lugar. Embora os pais e os outros homens empreguem quantidades variáveis de tempo com bebês e filhos, o pai raramente é o primeiro responsável pela criança.⁹⁷

Assim, para Abram,

A mãe é essencial para a teoria do desenvolvimento emocional de Winnicott. Para o bebê ela é o primeiro ambiente, tanto em termos biológicos quanto psicológicos. A maneira como a mãe se comporta e se sente em relação a seu filho exercerá uma grande influência sobre a saúde do bebê - particularmente durante a gravidez e logo após o nascimento. Da idéia de mãe como ambiente faz parte a idéia que ela é; isto é, a mulher que foi antes do nascimento de seu bebê continuará a ser enquanto se desenvolver, assim como o pai, os irmãos, o restante da família, a sociedade e o mundo, de uma maneira geral.⁹⁸

Ser mãe é ser a primeira mulher de referência na vida do seu filho. Assim, é perceber, sentir que está grávida e vivenciar todo o processo gestacional que demanda para a formação orgânica do ser humano.

Em uma visão psicanalítica winnicottiana:

Bons pais comuns constroem um lar e mantêm-se juntos, provendo então uma razão básica de cuidados à criança e mantendo, portanto um contexto em que cada criança encontra gradualmente a si mesma (seu self) e ao mundo, e um relação operativa entre ela e o mundo.⁹⁹

Assim, o bebê ao ser gerado possui uma relação de simbiose com a mãe; durante a gravidez, há uma relação de simbiose entre mãe e filho: a mãe é responsável pela homeostase fisiológica e psicológica dela e do bebê. Nesse processo, sabe-se que a criança recebe toda a carga emocional transmitida pela mãe.

Diante disso, é correto afirmar que uma boa gestação possui uma influência significativa na formação da personalidade da criança, mesmo que ainda não haja comunicação verbal. Para tanto, o parto, na sua essência, possui um significado biológico e social, sendo um momento único na vida da mãe e da criança. Pode ser considerado como uma passagem, uma mudança fisiológica, psicológica e

⁹⁷ CHODOROW, Nancy. *Psicanálise e maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002. p. 17.

⁹⁸ ABRAM, J. Agressão. In: ABRAM, J. *A linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000. p. 141.

⁹⁹ WINNICOTT, 2011, p. 118.

consequentemente comportamental e social para o contexto de ambos e daqueles que os rodeiam.

O nascimento de uma criança, inevitavelmente, ocasionará uma redistribuição da energia emocional familiar de adaptação àquela rotina, bem como alterações de *status* e papéis.

Ao nascer, em relação aos outros seres vivos, o ser humano nasce muito menos amadurecido e despreparado para enfrentar os problemas relacionados à sua sobrevivência. Assim, ao nascer o ser humano, com sua condição biológica mais imatura, as ações maternas serão de grande significado nesse período. Nesse sentido, nos primeiros instantes de vida a postura da mãe exerce influência. Logo ao nascer a criança deve sentir-se recebida e acolhida. A esta capacidade Winnicott denominou de Mãe Natural e Sadia dando um destaque especial àquilo que ela faz com naturalidade.

Por “natural” entende a mãe que antes de tudo se identifica com o bebê recém-nascido (preocupação materna primária), deixando que mais tarde cresça e torne-se ele próprio [...] a verdadeira força reside na experiência do indivíduo, no processo de desenvolvimento que flui por caminhos naturais. No meu ponto de vista, a saúde mental do indivíduo é construída desde o início pela mãe que provê aquilo a que denominei como ambiente facilitador, isto é, um ambiente no qual os processos de crescimento natural do bebê e as interações com o ambiente possam evoluir de acordo com o padrão herdado pelo indivíduo. A mãe está (sem saber) lançando os alicerces da saúde mental desse indivíduo.”¹⁰⁰

A ênfase posta por Winnicott à palavra “natural” abarca o “normal”. Por exemplo, aquilo que seria natural para uma mãe má, não seria normal e, com toda certeza, também não seria saudável. Os “caminhos naturais” aos quais Winnicott refere-se implicam uma compensação dos processos maturacionais sadios que ocorrem no interior do ambiente facilitador. Assim, a mãe “natural” é a mãe que é “sadia”.¹⁰¹

Nesse sentido, anterior ao nascimento, o bebê já possui uma relação simbiótica com a mãe, que tem continuidade com seu nascimento na “Casa Mãe”, termo utilizado por Outeiral e outros que fundamenta com a tal afirmação. Logo após o nascimento, o ambiente se confunde com a mãe:

¹⁰⁰ WINNICOTT, 2011, p. 118.

¹⁰¹ ABRAM, 2000, p. 143.

Winnicott coloca que se o ambiente não sofre reviravoltas, a criança tem a oportunidade de conservar um sentimento de continuidade do ser; isso talvez remonte, no passado, aos primeiros movimentos no interior do útero. Logo o desenvolvimento emocional tem lugar desde o princípio.¹⁰²

A função materna é muito mais ampla do que se imagina, pois ela engloba formação fisiológica e a construção dos afetos do indivíduo, além de muito contribuir para a sociedade. “As crianças crescem e tornam-se por sua vez pais e mães, mas de modo geral, não chegam ao ponto de saber e de reconhecer exatamente o que suas mães fizeram para elas no início. Há uma razão: somente agora é que se começou a perceber a parcela que cabe à mãe”.¹⁰³

Nessa perspectiva, a mãe é o iniciar de todo processo de formação do ser humano, é ela quem gera, sente os primeiros movimentos da criança, é quem recebe e “entrega para o mundo”, ouve o primeiro choro ao nascer. Diante disso, Abram teoriza quanto à importância da mãe na formação do ser humano, considerando também a importância paterna. “Na verdade, meu interesse pela mãe também inclui o pai, o papel vital que ele desempenha nos cuidados da criança. Mas para mim, tem sido para as mães que desejo falar”.¹⁰⁴

Com isso, a forma como a mãe está com sua relação intrapessoal influenciará diretamente na sua relação com o bebê. Isto se refere à maneira como ela trabalhará essa relação e solucionará problemas decorrentes do seu novo papel, expresso pela maternagem (amamentação, cuidados pessoais de higiene, carinho, amor, conversas...).

Estas atitudes de cunho materno provocarão respostas de prazer na conjuntura do bebê e estas atitudes primárias, terão um efeito positivo na concepção da realidade. Winnicott utilizou-se do termo “mãe suficientemente-boá”. Diante de todo esse processo materno supracitado, a mulher adapta-se às necessidades do bebê em um ambiente acolhedor:

A mãe “suficientemente boa” depara-se com a onipotência do bebê e, de algum modo, a aceita. Isso ela faz repetidas vezes. Um verdadeiro Self passa a adquirir vida através do vigor proporcionado ao frágil ego do bebê

¹⁰² OUTEIRAL, 2008, p. 166.

¹⁰³ WINNICOTT, 2011, p. 117.

¹⁰⁴ WINNICOTT *apud* ABRAM, 2000, p. 142.

pela instrumentação que a mãe faz de suas expressões de onipotência. [...] Essa mãe suficientemente-bom também é um seio bom.¹⁰⁵

Uma mãe, biológica ou adotiva, que possua essas características, segundo Winnicott, pode ser considerada uma mãe sadia, a qual passa por um processo de adoecimento. Uma conclusão bastante simples pode ser inferida das ideias de Winnicott a respeito da mãe sadia, que é aquela que ingressa em um estado de preocupação materna primária a partir da gravidez e imediatamente após. A mãe biológica é a pessoa que melhor desempenha a tarefa que é a maternagem. No entanto, Winnicott é bastante flexível a esse respeito:

Podemos agora afirmar qual é a razão de a mãe ser a pessoa mais adequada para cuidar do bebê; é apenas ela que pode atingir o estado tão especial que é o de preocupação materna primária sem adoecer. Porém, uma mãe adotiva, ou qualquer mulher que possa adoecer com a 'preocupação materna primária', pode estar em posição de adaptar-se suficientemente bem por possuir alguma capacidade de identificação com o bebê.¹⁰⁶

Para Abram, a identificação da mãe biológica com seu bebê situa-se no núcleo "doente" de sentimento de preocupação materna primitiva. Esta condição capacita a mãe a adaptar-se às demandas do bebê, o que engloba a capacidade de amamentar.¹⁰⁷

Alguns aspectos maternos são indispensáveis para o bom relacionamento entre mãe e filho, base para um desenvolvimento vitorioso da personalidade desse novo indivíduo, no que tange a algumas funções de uma "mãe suficientemente boa":

Winnicott divide as funções maternas naturais em três campos distintos: o holding, o toque e a apresentação do objeto. Todos esses três campos inserem-se nas primeiras semanas de vida do bebê, o período de dependência absoluta. O holding e o toque contribuem para o bebê viva em seu próprio corpo, que é o que Winnicott chama de "personalização" e "trama psicossomática."¹⁰⁸

De acordo com Abram, Winnicott teoriza a importância da função materna, na qual "o precursor do espelho é o rosto da mãe" e a importância desse processo na construção do self:

¹⁰⁵ WINNICOTT *apud* ABRAM, 2000, p. 144-145.

¹⁰⁶ WINNICOTT *apud* ABRAM, 2000, p. 145.

¹⁰⁷ ABRAM, 2000, p. 145.

¹⁰⁸ ABRAM, 2000, p. 151.

[...] Sua principal tese apresentada ali é que, a fim de olhar criativamente e ver o mundo, o indivíduo, antes de tudo deve ter internalizado a experiência de ter sido olhado. Esta experiência dá-se naturalmente nas primeiras semanas da relação mãe-bebê. O precursor do espelho é o rosto da mãe [...] O que é realmente inovador nesse texto é que o bebê depende das respostas faciais da mãe quando olha seu rosto para que possa formar seu próprio sentimento de self. O que o bebê vê ao olhar para o rosto da mãe? Sugiro que, normalmente, o que o bebê vê a si próprio. Em outras palavras, a mãe olha para o bebê e aquilo que ela parece relacionar-se com aquilo que vê. Tudo isso é facilmente aceito. Mas indago se isso que é naturalmente tão bem feito pelas mães ao cuidar de bebês deve ser aceito. Vou direto ao ponto com o caso do bebê sobre o qual é refletido o humor da mãe, ou pior, a rigidez de suas defesas. Em um tal caso o que é visto pelo bebê? Primeiramente sua capacidade criativa começa a atrofiar, e de um modo ou de outro procura por outras formas de retorno do ambiente... Nesse momento o rosto da mãe não se apresenta como um espelho. A percepção toma o lugar da apercepção. A percepção ocupa o lugar daquilo que deve ser o princípio de uma importante troca com o mundo, um processo de mão-dupla em que o auto-enriquecimento alterna-se com a descoberta de um significado para o mundo ao ver as coisas.¹⁰⁹

Assim o sentimento de empatia pela criança é manifestado pela capacidade da mãe reconhecer as necessidades do filho. Como mãe suficientemente boa, ela é sensível aos seus apelos e responde de maneira eficiente e oportuna: na capacidade de aceitar o filho como ser independente de si mesma, com características próprias; na proteção e apoio que pode dar permanentemente ao filho, de forma objetiva, julgando os perigos reais que possam prejudicar sua integridade física ou psíquica. Estas são características de uma mãe saudável, cujas atitudes influenciarão as do futuro adolescente.

Outra questão relevante da função materna é o surgimento do complexo de Édipo, ou seja, a primeira referência feminina para o menino, resultante do cuidado primário e cotidiano:

Mas as pulsões sexuais remontam a um ponto longínquo em nossa infância. Têm uma história que pontua o desenvolvimento de nosso corpo de criança. Sua evolução começa desde o nascimento e culmina entre três e cinco anos, com o aparecimento do complexo de Édipo, que marca o apego da criança àquele dos pais que é do sexo oposto ao dela e sua hostilidade para com o do mesmo sexo.¹¹⁰

Todos esses construtos teóricos supracitados são fundamentais para a construção do universo adolescente, uma vez que essa fase é o reeditar da infância, de todos os sentimentos primários inconscientes. Quando um bebê é sadio, conseqüentemente construirá um self, sendo considerado o que Winnicott

¹⁰⁹ ABRAM, 2000, p. 158.

¹¹⁰ NASIO, 1999, p. 60.

denominou de “continuidade do ser”. Isto pode se dar apenas em um setting apropriado, aquele que a mãe que ingressou no estado de preocupação materna primária é capaz de fornecer.

A mãe que desenvolve o estado a que denominei ‘preocupação materna primária’ fornece um setting para que a constituição do bebê possa aparecer, as tendências do desenvolvimento se revelem e para que o bebê experimente movimentos espontâneos, dominando as sensações apropriadas a essa fase precoce da vida.¹¹¹

Assim, mediante essa construção de um *self* saudável, é notória a construção de um adolescente saudável, nessa construção do ser.

Para Winnicott, o ego é responsável por recolher as informações (as experiências externas e internas), organizando-as. Contudo, isto somente é possível se a mãe for suficientemente-bona, já que inicialmente o ego do bebê é ela. Durante a fase de dependência absoluta, o estado de preocupação materna primária da mãe faz com que ela se constitua no suporte egóico necessário ao bebê por meio de sua adaptação às necessidades dele. A intensidade deste suporte egóico depende inteiramente da capacidade de adaptação da mãe.¹¹²

É sobre todo esse processo primário que é feita a construção egoica do adolescente. Os construtos primários maternos são fundamentais para o caminhar como ser humano, já que o período da adolescência é o reeditar da infância.

Diante desse pressuposto, é correto afirmar que a função materna é de extrema relevância para o desenvolvimento emocional, social, físico (peso e crescimento) e neuronal, na formação de sinapses, no aprendizado.

Assim, observa-se que esse cuidado maternal é continuidade da gestação, uma vez que esta implica um processo biológico, emocional e social na relação mãe-bebê e as consequências futuras da relação intra e interpessoal do adolescente.

Transpondo a função materna para a adolescência, é correto afirmar que a relação construída na infância terá influência nessa fase, uma vez que os afetos do indivíduo são construídos desde a infância.

Sabe-se que atualmente as mulheres trabalham para em alguns casos, prover o sustento da casa juntamente com seu companheiro. Isso fez com que a

¹¹¹ ABRAM, 2000, p. 185.

¹¹² ABRAM, 2000, p. 119.

relação mãe e filho tenha ficado distante, causando um sentimento de culpa, no que Tiba teoriza à respeito de que independentemente da ausência, a mãe geralmente sente a mesma culpa de não estar com os filhos, considerando uma **culpa jurássica de mãe**, que independe dos filhos. Com isso, a mãe crê que está falhando na educação dos filhos, justamente por não estar presente.¹¹³

Como discutido anteriormente, a adolescência é um período em que o indivíduo procura independizar-se dos pais, com essa falta de tempo. Tiba defende que é de possível compreensão que eles prefiram os amigos, pois os filhos têm a necessidade formar suas redes de relações. Quando há casos em que a mãe não trabalha o autor afirma que: “se a adolescência é um segundo parto, um nascer para o social em busca de autonomia comportamental, é até bom que a mãe se ocupe com atividade, para não querer ficar laçando o seu adolescente com o cordão umbilical”.¹¹⁴

Ao nível de conclusão desse subtópico, é notório que para ser essa “mãe suficientemente boa” que Winnicott teoriza, é necessário, *a priori*, equilíbrio interno, e preparo para gerar, mas principalmente criar esse novo ser, que ela terá que entender que seu bebê já está um adolescente e perceber a importância de todo o processo mutacional que irá ocorrer com ele nesse período.

Para o universo adolescente, é necessário e salutar o afastamento da mãe, para as construções internas da sua própria identidade. Esse processo de isolamento já dito anteriormente, deve ser compreendido como algo normal e passageiro, num processo de respeito ao espaço do filho (a), que necessita ficar só.¹¹⁵

O início de uma vida está também no preparo do casal para conceber essa criança, para que ela futuramente seja um adolescente saudável. Assim Winnicott fundamenta:

Algum tempo depois da cerimônia de casamento, há uma ocasião em que a chegada de filhos torna-se particularmente oportuna. Os filhos podem não ser bem-vindos se chegarem de imediato, pois os jovens pais não terão ainda passado pelo estágio em que significam tudo um para o outro. Todos conhecemos casos de filhos primogênitos, que ao nascer, interferiram nas relações entre pai e mãe, tendo sofrido muito por causa disso. Encontramos

¹¹³ TIBA, 2010, p. 161.

¹¹⁴ TIBA, 2010, p. 161.

¹¹⁵ Ver seção 2.1 A adolescência é um segundo parto.

também muitas famílias sem filhos. Mas consideremos aqueles casos em que os filhos de fato chegam, e vêm como consequência natural do relacionamento entre pai e mãe. Suponhamos que se tratem de crianças saudáveis.¹¹⁶

A intenção com “função materna” não é desmerecer a figura do pai. Muito pelo contrário, o pai além de ser o segundo elemento na formação de um ser, esboça um grande papel no psiquismo do indivíduo, na construção da sua identidade, o que será tema da próxima seção.

2.3 Função paterna

A intenção deste subtópico é falar da relação do pai na infância para entender a adolescência, a construção dos afetos num sentido primário para em seguida concretizar-se nesse período.

Esta seção vai tratar justamente do complemento familiar, do terceiro elemento na constituição do psiquismo humano: o pai, que implica um ser tanto biológico, quanto social e simbólico, no que se refere ao contexto da família, mas principalmente, na vida e na constituição de um ser humano, aqui precisamente do adolescente.

O “pai” como função está ligado ao mundo das representações simbólicas internalizadas em cada um de nós. A função paterna está em nível simbólico e independe da questão gênero, pois provém das identificações e introjeções inauguradas na infância.¹¹⁷

Nesse sentido, essa divisão pode ser considerada complementar, uma vez que a seção anterior teorizou sobre “Função Materna”. Ora, subtende-se que para nascer biologicamente um ser é necessário a junção sexual ou em caso de reprodução assistida, a fusão do material genético feminino e masculino, o que Outeiral e Cereser ilustram a seguir, com a denominação de pai genitor e pai real:

O pai genitor, como parte do real, é aquele que emprestou seu código genético para, junto com a mãe, dar origem a um novo ser da mesma espécie. É real porque a criança gerada carregará consigo, por toda a vida, o código genético desse pai genitor ou biológico. Um homem e uma mulher servem de instrumentos reais ou imperativos dos genes em perpetuarem-se. Nesse momento talvez surja a primeira e constante dúvida para o pai, a qual é fundamentada na máxima de que “pater semper incestus”. Cabe a

¹¹⁶ WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 60-61.

¹¹⁷ OUTEIRAL; CERESER, 2005, p. 51.

esse pai tolerar essa dúvida inerente, pois concretamente o filho desenvolve-se no corpo da mãe. Na história da paternidade, a descoberta da participação do homem na concepção do filho foi quando isolaram um rebanho de animais com apenas fêmeas e elas “tornaram-se inférteis” por essa condição, então descobriram que o macho servia para algo: fertilizar as fêmeas. E essa conclusão foi estendida para a espécie humana.¹¹⁸

Falar de função paterna é conseqüentemente falar da importância dessa relação na tríade: pai, mãe e filho, uma vez que antigamente, a função paterna era secundária, ou seja, como de costume o primeiro contato da criança era com a mãe, e bem depois com o pai, que não contribuía com a mãe nos cuidados com o bebê.

É importante pensarmos que a palavra pai denota relação, pois pensar em pai significa pressupor uma mãe e um filho. Assim como falar de mãe é falar de pai e filho. Ou falar em filho é automaticamente falar de pai e mãe. É uma “ação entre” pessoas que, nomeadas dessa forma, desempenham papéis e funções. Portanto, falar de pai e mãe é também falar de funções paterna e materna, que residem nas nossas representações e significações e significações internas de tais figuras.¹¹⁹

Diante dessa relação triádica, constata-se o nascimento psicológico do indivíduo, onde a função paterna é complementar à materna, onde o ser humano é influenciado na sua essência.

A função paterna de corte simbólico da relação mãe-bebê é o que provoca o chamado nascimento psicológico da criança. Com essa interdição, o pai trinifica a díade e induz simbolicamente o mundo nas representações e significações do seu filho.

O pai, interposto entre mãe e filho, apresenta o mundo de outra forma ao seu bebê. Uma situação que plasticamente elucida muito bem isso é a maneira como pai e mãe geralmente seguram o bebê. A mãe segura o bebê, geralmente, no colo, com a criança na posição horizontal, e com o seu rosto olhando para o rosto do bebê, enquanto que o pai posiciona seu filho na vertical, com o rosto voltado para o mundo e fazendo menção de jogá-lo à frente.¹²⁰

Para falar do homem atual, é preciso traçar, descrever e analisar seu passado, para entender o presente, na construção da paternidade atualmente. Alguns traços masculinos foram forjados na necessidade.

¹¹⁸ OUTEIRAL; CERESER, 2005, p. 51.

¹¹⁹ OUTEIRAL; CERESER, 2005, p. 51.

¹²⁰ OUTEIRAL; CERESER, 2005, p. 54.

Para caçar e não ser caçado, o homem teve que ser agressivo, predador, estrategista, concentrado ou focado (um pensamento e uma ação de cada vez), com metas a atingir (trazer alimento para o grupo), orientação espacial apurada, raciocínio matemático, pouco sensível a sentimentos, estimulado pela competição, etc.¹²¹

O homem na sua essência física e na constituição fisiológica possui mais força do que as mulheres, pois no período da pré-história essa força e vigor era necessária para a busca da caça, que garantia o sustento e a sobrevivência da família. Precisavam defender-se, atacar outros grupos, para proteger seu território.

Porém, sabe-se que atualmente essa perspectiva mudou, e toda a raça humana passou por uma evolução social considerável, e conseqüentemente mudou a dinâmica familiar, também referente à relação pai e filho.

Pais de hoje são mais dedicados que seus próprios pais, que nem iam à sala de parto: mais que seus avós, que pegavam os netos somente quando já falavam e nem comiam junto com as crianças, que comiam em mesas separadas [...] O funcionamento do cérebro masculino de hoje é resultado final de milhares de anos agindo como caçador. Não é a toa que o homem está na pirâmide da cadeia alimentar. É onívoro, isto é, come de tudo o que se mexe e cresce, de formigas a elefantes, de algas e peixes a folhas, raízes e frutas.¹²²

O comportamento masculino mostrou grande plasticidade no que se refere a cuidar dos filhos, por exemplo, a partir da inserção da mulher no mercado de trabalho. Atualmente, de acordo com a realidade vivenciada, o pai entra na vida do infante de maneira diferenciada:

O pai entra no quadro geral de duas maneiras. Até certo ponto, ele é uma das duplicações da figura materna. Nos últimos cinquenta anos, tem havido neste país uma mudança na orientação, de tal modo que os pais se tornaram muito mais reais para seus filhos no papel de duplicações da mãe do que eles eram, parece décadas atrás. No entanto, isso interfere com a outra característica do pai, segundo a qual ele acaba entrando na vida da criança como um aspecto da mãe que é duro, severo, implacável, intransigente, indestrutível, e que, em circunstâncias favoráveis, vai gradualmente se tornando aquele homem que se transforma num ser humano, alguém que pode ser temido, odiado, amado, respeitado.¹²³

Assim, essa tríade forma o conjunto primário de relações do ser humano: a família, constituída nos seu molde clássico: pai, mãe e filho. Diante desse

¹²¹ TIBA, Içami. *Família de alta performance*: conceitos contemporâneos na educação. São Paulo: Imegrare, 2009. p. 146.

¹²² TIBA, 2010, p. 146.

¹²³ WINNICOTT, 2011, p. 126-127.

pressuposto, é claramente perceptível que o ser humano molda-se no seu contexto familiar e na sociedade, na qual a mãe terá sua relação primária uterina e de cuidados iniciais, mas o pai será fundamental nesse processo de referência masculina para a criança, seja no papel de genitor ou socializador. O pai, independentemente da vontade da mãe, existe, ele pode ser presente simplesmente nas suas expressões gênicas. “Se existe um pai, necessariamente existe uma mãe”.¹²⁴

Nesse processo maturacional psicológico, a função paterna é necessária, principalmente para as meninas no complexo de Édipo, as meninas terão seu pai ou até mesmo outra figura masculina como referência.

Eis que agora um novo personagem entra em cena: é o pai maravilhoso, grande detentor do Falo. É quando a menininha magoada e sempre ciumenta volta-se para ele a fim de se refugiar e se consolar, mas também para lhe reivindicar seu poder e sua potência. Quer ser tão forte quanto seu pai e brandir o Falo que a tornaria novamente senhora dos seres e das coisas.¹²⁵

Diante disso: “esse homem não precisa ser necessariamente um companheiro da mãe, pode ser um tio, avô, padrinho, amigo, professor”.¹²⁶ Assim, falar de função paterna é falar acima de tudo em função masculina e suas influências na vida do adolescente, uma vez que essa fase transicional é um reeditar da infância.

Como dito anteriormente, é necessário o entendimento do processo maturacional humano, desde o nascimento, desde a infância, para compreender a necessidade da função paterna na adolescência.

Nesse período, a função paterna assume a função da lei, da limitação, da autoridade, do que não pode ser feito relacionando-se aos comportamentos sociais. Outeiral e Cereser fundamentam essa questão quando afirmam que “cabe à mãe sugerir o pai ao seu filho como portador da lei mantida em seu nome e como o outro inatingível pronto para vir do real. Não só falará desse pai como demonstrará seu amor por ele”.¹²⁷

¹²⁴ OUTEIRAL; CERESER, 2005, p. 52.

¹²⁵ NASIO, 2007, p. 54.

¹²⁶ OUTEIRAL; CERESER, 2005, p. 55.

¹²⁷ OUTEIRAL; CERESER, 2005, p. 54.

Esse procedimento é construído desde a infância onde a função paterna na sua conjuntura, “é de nomear, marcar sua presença como representante da lei que garante ao infante o acesso ao desejo”.¹²⁸

Para o adolescente, a função paterna, é importante quanto à internalização da lei, identificação da figura masculina referencial, até mesmo para suas construções subjetivas, devido aos preceitos, orientações, onde será possível tornar intrínseco na sua constituição o “levar o pai dentro de si”.

Como conclusão, é observável que o pai, além de ser também o responsável na concepção biológica do ser humano, configura-se como um terceiro elemento na relação mãe-bebê, onde será fundamental na construção do eu dessa criança.

Diante disso, a construção da identidade dá-se ainda na infância, com a inserção da figura paterna, uma vez que o crescimento implica a separação objetal com a mãe, iniciando com a perda do seio, com uma consequente individualização. Assim, o pai nesse processo ajudará esse a se independentizar-se.

Torna-se imperativo dizer que nesse desenvolvimento em busca de ser uma criança/adulto independente e confiante, é fundamental a presença do pai, que nos primeiros momentos fica nos bastidores, servindo de sustentação e conforto para essa mãe totalmente voltada para seu bebê. Aos poucos ele vai aparecendo em cena, e de mero coadjuvante passa a ser um dos protagonistas da história desse novo ser, a criança.¹²⁹

A caráter de conclusão é perceptível a importância do pai na construção da identidade do ser humano; ele simboliza os “2 braços” seguintes, que proporcionarão à criança o conhecimento de um mundo diferente:

Inicialmente o bebê necessita dos 2 braços da mãe para protegê-lo, alimentá-lo, aquecê-lo, afagá-lo, e, também, de suas 2 pernas “imóveis”, que lhe sirva de base estável de referência, posteriormente, necessitará dos 2 braços do pai para puxá-lo do colo da mãe, e evitar o prolongamento da simbiose da dupla, e de suas pernas móveis para caminhar e conhecer um mundo diferente da mãe dando início ao processo de simbolização.¹³⁰

A intenção da construção da “função paterna” ocorreu devido à necessidade de complementação da função materna, pois não se pode falar de construção de ser humano, sem mencionar esses dois elementos fundamentais na construção da

¹²⁸ OUTEIRAL; CERESER, 2005, p. 54.

¹²⁹ OUTEIRAL; CERESER, 2005, p. 54.

¹³⁰ OUTEIRAL; MOURA; SANTOS, 2008, p. 167.

psique humana e na formação familiar. “A família parece ser a estrutura especialmente programada para dar continuidade à dependência inconsciente da criança em relação ao pai e à mãe”.¹³¹

Assim, a mãe e o pai são os primeiros amores na vida de um ser humano. Na infância eles são idealizados perfeitos, mas na adolescência é “descoberto” que eles também falham. Mas, mesmo com esse processo natural, as primeiras impressões da infância vão se perpetuar na adolescência e na fase adulta, sejam elas boas ou ruins. A identidade do ser humano ocorre devido às identificações com os pais. As primeiras construções do ser humano, o início da formação do seu ego, ocorrem na infância, na qual serão construídas as primeiras fantasias, que se desfarão na adolescência, período em que os pais, primeiros heróis da criança, “mostrarão” que são seres humanos passíveis de erros e que terão que ter paciência e tranquilidade nesse momento passageiro de “amadurecimento” do casulo para a libertação da sua cria.

A função paterna exerce grande influência no psiquismo e conseqüentemente será um adulto saudável, pois o adolescente que teve essa função construída, pode se afastar do pai concreto, “viver sua própria vida” de forma tranquila e necessária, “levando seu pai” na sua subjetividade devido aos seus ensinamentos, da inserção da lei, da orientação, resignificando, interpretando o legado recebido à luz do seu contexto de vida.

¹³¹ WINNICOTT, 2011, p.137.

CONCLUSÃO

Ultimamente falar dos adolescentes, dos “problemas” e “dificuldades” dessa fase é comum, seja no âmbito escolar, entre pais, noticiários, seja nas curiosidades do senso comum e das novas descobertas na literatura.

É justamente por isso que esse Trabalho de Conclusão de Mestrado Profissional, dividido em dois capítulos, teve por objetivo pesquisar, inquirir e conseqüentemente defender a hipótese de que a psicanálise, enquanto epistemologia e ciência aplicada, realiza um mapeamento conceitual da construção do ego do adolescente.

O sujeito da pesquisa foi o adolescente e o objetivo foi estudar seu comportamento e a formação do seu eu, em uma ótica da psicanálise, além da influência familiar, histórica, cultural e social evolutiva que permeia a atualidade.

O alvo dessa pesquisa bibliográfica foi mapear, criar um mosaico, “dissecar” cada período da adolescência representando um *flash*, um desvelar, um “mostrar” e um “encontrar” o adolescente na subjetividade, no inconsciente do leitor.

Foi possível compreender a adolescência como uma fase biológica, psicológica, social e natural do ser humano, permeada de descobertas; porém, ainda incompreendida por alguns pais e professores. Devido a essa problematização, a finalidade, desta construção bibliográfica foi reunir os construtos psicanalíticos como base teórica para explicar esse processo transicional, que permeia a vida dos adolescentes e conseqüentemente daqueles que convivem com eles.

Para esclarecer esse objetivo em termos de uma metáfora da biologia, *Da Metamorfose do Casulo à Libertação*, pode-se tecer estas inferências:

- a) a adolescência é um período de transformação: tanto biológica quanto psicológica – corpo e emoções estão sendo intensamente transformadas;
- b) essa transformação é uma metamorfose: sua ‘matéria prima’ são as vivências infantis, o ego adolescente é construído a partir do que traz das experiências intensas com a mãe e o pai;
- c) a libertação do casulo seria o florescer, o reeditar da infância que ocorre na adolescência: agora com o corpo mais maduro, há reedição dos intensos afetos e ao mesmo tempo o luto pelas transformações que retiram certas liberdades do corpo e identidade infantis;

d) após esse processo de maturação nasce uma borboleta, pronta para alçar voo. Espera-se que o adolescente, ao ter família continente dos seus conflitos, o ajude a elaborá-los e partir para a identidade adulta.

Assim, a partir dessa construção metafórica e do desenvolvimento desse Trabalho de Conclusão de Mestrado Profissional, observou-se que uma família e uma infância saudável proporcionarão uma adolescência mais tranquila, mesmo diante das transformações que circundam esse período.

Assim, no primeiro capítulo, discutiu-se a psicanálise como base do desenvolvimento primitivo, ou seja, a contribuição da psicanálise para a explicação da evolução do adolescente. Viu-se a formação do eu do adolescente e os aspectos intrapsíquicos; a psicanálise e o desenvolvimento da personalidade e a importância do desenvolvimento primitivo; o adolescente e sua construção mediante o complexo de Édipo e a angústia da castração.

O objetivo desse primeiro capítulo foi justamente discutir o conteúdo primitivo do sujeito, em uma ótica psicanalítica, como as pulsões de vida e de morte, as fases psicosexuais freudianas (fase oral, anal, fálica, latência e genital) que são reeditadas na adolescência.

Outro fator tratado como comportamento primitivo do ser humano foi o complexo de Édipo, como primeira perda e primeira neurose saudável da criança, cujo retorno ocorre na adolescência.

O objetivo do segundo capítulo foi abordar o adolescente mais no âmbito social e histórico, em uma perspectiva da dinâmica familiar, no que se refere à adolescência como um segundo parto; função materna; função paterna e suas consequências para a vida do adolescente.

A metáfora “adolescência como um segundo parto” foi utilizada referindo-se às mudanças ocorridas nesse período similar a um parto: um renascimento, tanto biológico, quanto psicológico e social. É uma metamorfose do casulo (corpo e sentimentos ainda infantis), à libertação, que é a fase final, o fechamento desse ciclo que é a adolescência e todo o seu contexto, que reflete em toda dinâmica familiar.

A função materna e paterna são complementares, pois ambas são necessárias para o desenvolvimento do ser humano. A junção, o enlace carnal entre dois seres de sexos opostos resultará em uma vida. Assim, a existência, o caminhar

desse ser depende da formação dos seus genitores, dos valores, ações e sentimentos dos seus genitores. Nesse contexto, pai e mãe, para a criança implica em exemplo de homem e mulher. São os primeiros “amores” de uma criança.

O termo “família”, aqui mencionado, refere-se à contemporaneidade, devido às mesclas familiares existentes atualmente, resultante de diversos relacionamentos, o que traz potencialmente maiores instabilidades à adolescência.

Em caráter final, é necessário salientar que a formação do ser humano, na sua conjuntura, implica algo muito mais amplo do que se imagina. Envolve o tipo de relacionamento dos seus genitores, o iniciar, o conceber, o gerar, a relação mãe-bebê na fase intrauterina; mas, acima de tudo, o preparo materno e paterno para receber esse novo ser, que mesmo sendo feto, sente todas as emoções da mãe e do ambiente. Assim, tais ações causarão emoções, que se transformarão em afetos positivos ou negativos, eclodindo na adolescência, que na sua essência é uma fase de cuidados.

O ser humano, na constituição do seu ego, é grandemente determinado pela genética e pelo meio em que está inserido, ou seja, os fatores familiares, históricos, culturais e sociais.

O objetivo dessa dissertação é convidar o leitor à reflexão, os adultos (que obviamente um dia foram adolescentes), a compreenderem cada fase que é normal e redescobrir-se, reencontra-se, colocar-se no lugar do seu filho(a), aluno(a) e paciente, e até mesmo “reviver” e perceber que a adolescência é um processo passageiro permeado por descobertas pessoais e intransferíveis, que necessita ser vivido com intensidade, acompanhado de todas as “tempestades emocionais”, de forma salutar, sempre extraindo uma “lição” de cada situação nebulosa.

Para concluir, a intenção de realizar esse trabalho foi para contribuir em nível do trabalho de educadores, psicanalistas, famílias e no contexto acadêmico. Com isso, fica como sugestão que ao “ver” o adolescente, “o olhe” e “o leia” de forma singular e ao mesmo tempo fundamentada nesses princípios psicanalíticos. Espero que após essa leitura, o julgamento e o termo utilizado no senso comum: “aborrescente” sejam elementos do passado; afinal de contas é emocionante ver o nascer de uma linda borboleta após o despertar do seu casulo!

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

ABRAM, J. Agressão. In: ABRAM, J. *A linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

BLOS, Peter. *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CHEMAMA, Roland. *Dicionário de psicanálise*: Larousse/Artes Médicas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CHODOROW, Nancy. *Psicanálise e maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.

CLERGET, Stéphane. *Adolescência: a crise necessária*. Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

ERIKSON, Erik. *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

FREUD, Sigmund. *A interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

_____. *Resumo das obras completas*. Rio de Janeiro: Livraria Ateneu, 1984.

_____. O ego e o id. (1923) *Obras psicológicas completas*. Volume XIX. Imago: Rio de Janeiro: 1969.

KAFMANN, Pierre. *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: 1993.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, J.B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MARCHEVSKY, Noé. *Psicanálise e(m) prática*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

NASIO, J. D. *Édipo o complexo do qual nenhuma criança escapa*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. *O prazer de ler Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

OUTEIRAL, José; CERESER, Cleon. *O mal-estar na escola*. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

_____. *Adolescer*. 2 ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

OUTEIRAL, José; MOURA, Luiza; SANTOS, Stela dos (ORG.). *Adultecer: a dor e o prazer de torna-se adulto*. Rio de Janeiro: Revinter, 2008.

RAPPAPORT, Clara Regina (Org.). *Adolescência: abordagem psicanalítica*. São Paulo: EPU, 1993.

ROSA, Victor Pereira; LAPOINTE, Jean. *Psicologia e comportamento transcultural: uma abordagem antropológica*. São Paulo. 2004.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

SÓFOCLES. *Édipo Rei*. Porto Alegre: L & PM, 1998.

TIBA, Içami. *Adolescentes: quem ama educa!* 39. ed. São Paulo. 2010.

_____. *Família de alta performance: conceitos contemporâneos na educação*. São Paulo: Imegrare, 2009.

WINNICOTT, D. W. *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. *Privação e delinquência*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. Psychosis and child care. In: WINNICOTT, D. W. *Through paediatrics to psychoanalysis: collected papers*. London: Karnac Books, 1984.

_____. *Tudo começa em casa*. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.